

ANTONIO NOBRE

180

3.ª EDIÇÃO



LIVRARIA AILLAUD E BERTRAND

Paris-Lisboa.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Rio de Janeiro — São Paulo — Belo Horizonte.

1913

MA

869.169

N754s

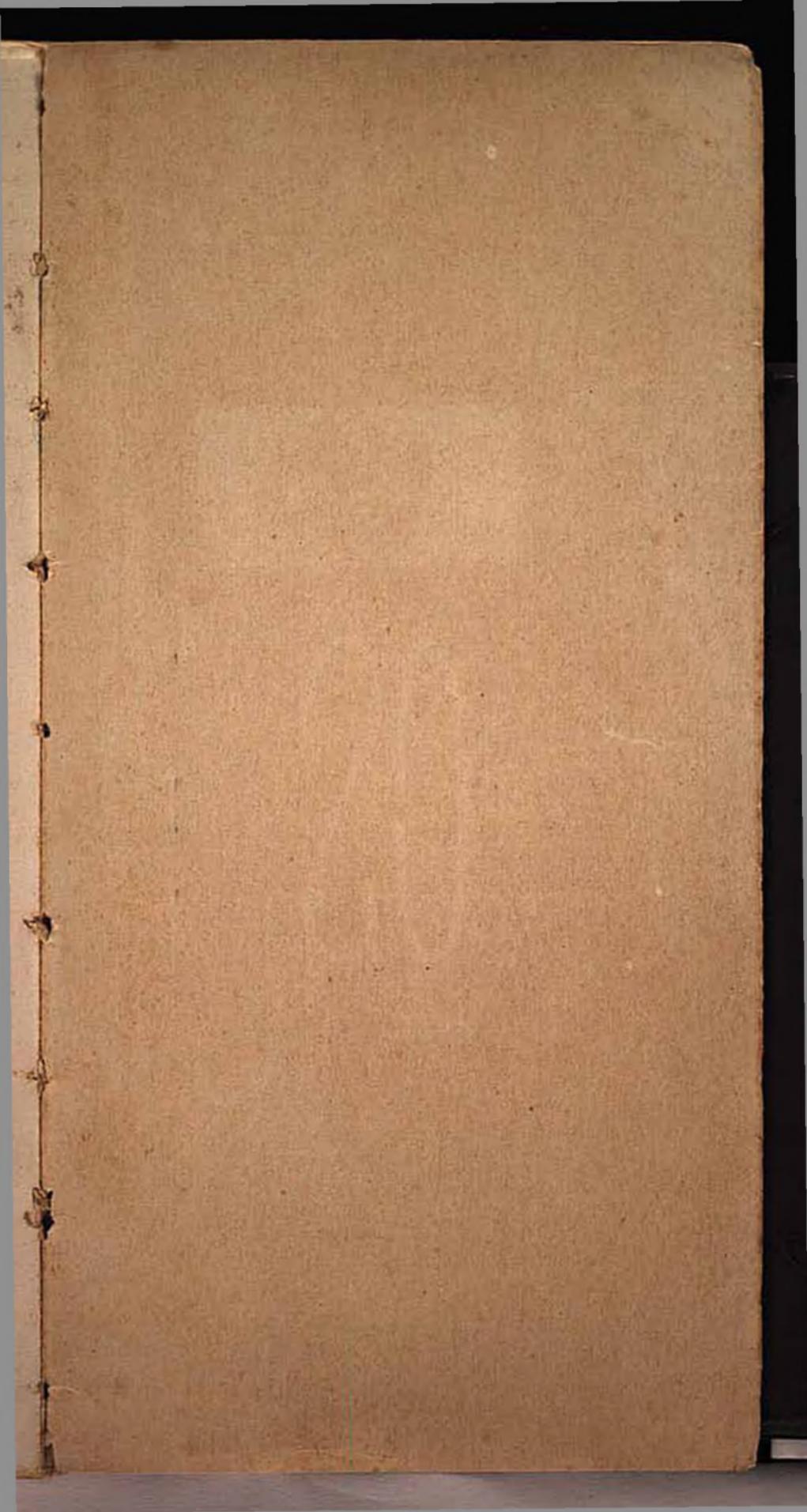
3.ed.

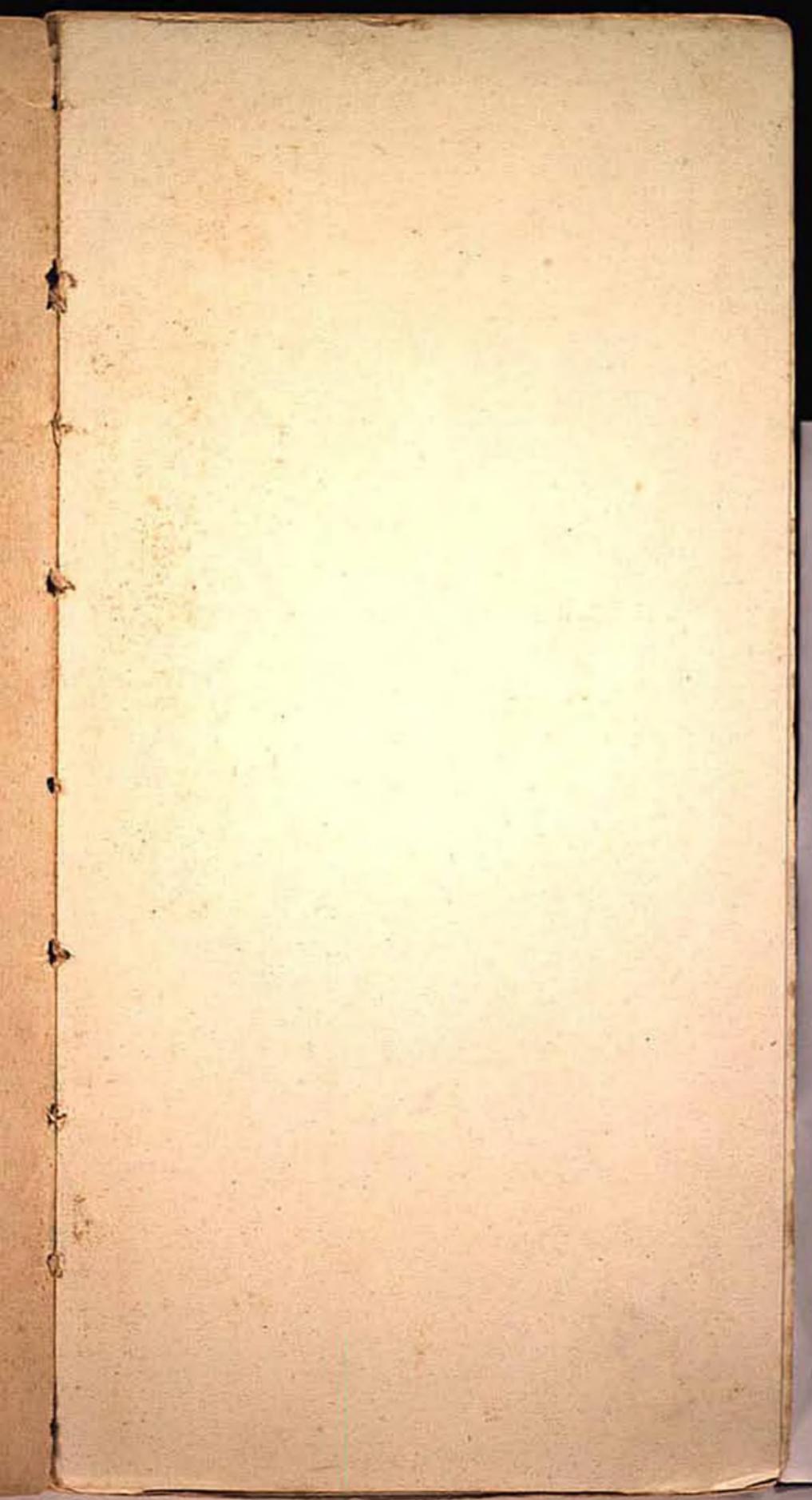


Ao meu
sincero amigo
Mário de
Andrade.

Cruz

— 29-11-914





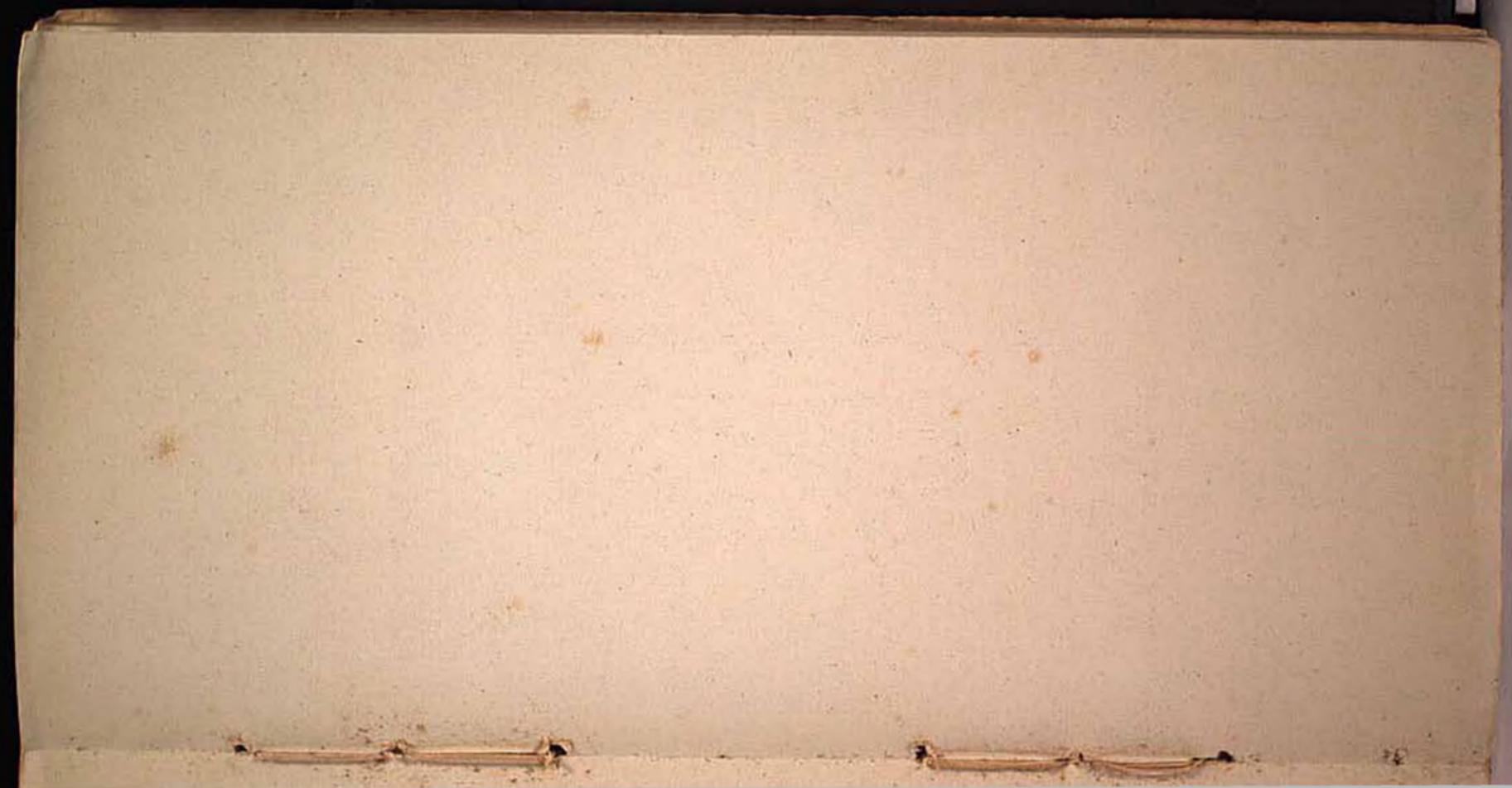
Edição de 3.000 exemplares, correcta e aumentada;
em papel *couché*,
com desenhos de Eduardo Mourt e Julio Ramos e o
retrato do poeta *d'après* Thomaz Costa.

Direitos reservados.

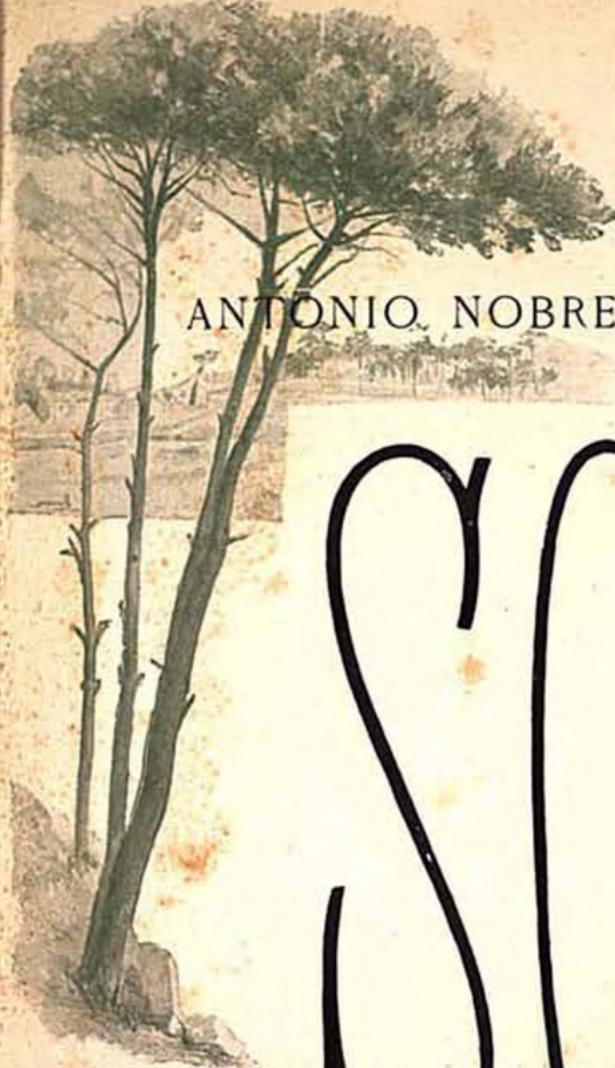
SÓ

MARIO DE ANDRADE

E. | II
d | 44







ANTÔNIO NOBRE

180

3.ª EDIÇÃO



LIVRARIA AILLAUD E BERTRAND
Paris-Lisboa.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
Rio de Janeiro — São Paulo — Belo Horizonte.

1913

4.742

MA
869.169
N 754 S
3. ed.

MEMORIA

Ora isto, Senhores, deu-se em Traz-os-Montes,
Em terras de Borba, com torres e pontes.

Portuguez antigo, do tempo da guerra,
Levou-o o Destino p'ra longe da terra.

Passaram os annos, a Borba voltou,
Que linda menina que, um dia, encontrou !

Que linhas fidalgas e que olhos castanhos !
E, um dia, na Igreja correram os banhos.

Mais tarde, debaixo d'um signo mofino,
Pela lua-nova, nasceu um menino.

Oh mães dos Poetas ! sorrindo em seu quarto,
Que são virgens antes e depois do parto !

N'um berço de prata, dormia deitado,
Trez moiras vieram dizer-lhe o seu fado

(E abria o menino seus olhos tão doces) :
« Serás um Príncipe ! mas antes... não fosses. »

Succede, no entanto, que o Outomno veio
E, um dia, ella rezolve ir dar um passeio.

Calçou as sandalias, toucou-se de flores,
Vestiu-se de Nossa Senhora das Dores :

« Vou alli adiante, á *Cova*, em berlinda,
Antonio, e já volto... » E não voltou ainda.

Vae o Espozo, vendo que ella não voltava,
Vae lá ter com ella, por lá se quedava.

Oh homem egregio ! de estirpe divina,
De alma de bronze e coração de menina !

Em vão corri mundos, não vos encontrei
Por valles que fóra, por elles voltei.

E assim se criou um anjo, o Diabo, o *lua* :
Ai corre o seu fado ! a culpa não é sua !

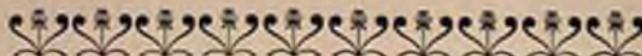
Sempre é agradavel ter um filho Virgilio,
Ouvi estes carmes que eu compuz no exilio,

Ouvi-os vós todos, meus bons Portuguezes !
Pelo cafr das folhas, o melhor dos mezes,

Mas, tende cautella, não vos façam mal...
Que é o livro mais triste que ha em Portugal !



ANTONIO



Antonio

Que noite de inverno ! Que frio, que frio !
Gelou meu carvão :
Mas boto-o á lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol de verão !

Nasci, n'um Reino d'Olro e amores,
A beira-mar.

Ó velha Carlota ! tivesse-te ao lado,
Contavas-me historias :
Assim... desenterro, do Val do Passado,
As minhas Memorias.

Sou neto de Navegadores,
Heroes, Lobos d'água, Senhores
Da India, d'Aquém e d'Além-mar !

Moreno coveiro, tocando viola,
A rir e a cantar !
Empresta, bom homem, a tua sachola,
Eu quero cavar :

E o Vento mia ! e o Vento mia !
Que irá no Mar !

Erguei-vos, defuntas ! da tumba que alveja
Qual Lua, a distancia !
Vizões enterradas no adro da Igreja
Branquinha, da Infancia.

Que noite ! ó minha Irmã Maria,
Accende um cyrio á Virgem Pia,
Pelos que andam no alto Mar...

Lá vem a Carlota que embala uma aurora
 Nos braços, e diz :
 « Meu lindo Menino, que Nossa Senhora
 O faça feliz ! »

Ao Mundo vim, em terça-feira
 Um sino ouvia-se dobrar !

E Antonio crescendo, sãosinho e perfeito,
 Feliz que vivia !
 (E a Dôr, que morava com elle no peito,
 Com elle crescia...)

Vim a subir pela ladeira
 E, n'uma certa terça-feira,
 Estive já p'ra me matar...

Mas foi a uma festa, vestido de anjinho,
 Que fado cruel !
 E a Antonio calliou-lhe levar, coitadinho !
 A *Esponja do Fel...*

Ides gelar, agoas das fontes
 Ides gelar !

A tia Delphina, velhinha tão pura,
 Dormia a meu lado
 E sempre rezava por minha ventura...
 E sou desgraçado !

Agoas do rio ! agoas dos montes !
 Cantigas d'agoa pelos montes,
 Que sois como anuns a cantar...

E eu ia ás novenas, em tardes de Maio,
 Pedir ao Senhor :
 E, ouvindo esses cantos, tremia em desmaio,
 Mudava de cor !

Passam na rua os estudantes
 A vadruihar...

E a Mãe-Madrinha, do tempo da guerra
 A mail-os Francezes,

Quando ia ao confesso, á ermida da serra,
Levava-me, ás vezes.

Assim como elles era eu d'antes !
Meus camaradas ! estudantes !
Deixaes o Poeta trabalhar.

Santinho como ia, santinho voltava :
Peccados? Nem um !
E a instancias do padre dizia (e chorava) :
Não tenho nenhum... »

O' Job, coberto de gangrenas,
Meu avatar !

As noites, rezava (e rezo ainda agora)
Ao pé da lareira.
(A chuva gemeute caia lá fóra,
Fervia a chaleira...)

Conservo as mesmas tuas penas,
Mais tuas chagas e gangrenas,
Que não me farto de coçar !

— Que Deus se amercie das almas do Inferno !
— Amen ! Oxalá...
E o moço rosnavia, tranzido de inverno :
— Que bom lá está !

E a neve cai, como farinha,
Lá d'esse moinho a moer, no Ar :

O sino da Igreja tocava, á tardinha :
Que tristes seus dores !
Era a hora em que eu ia provar, á cozinha,
O caldo dos Pobres...

O' bom Moleiro, cauteleirinha !
Não desperdices a farinha
Que tanto custa a germinar...

Ó velhas criadas ! na roca fiando,
Nos lentos serões :

Corujas piando, *Farrusca* ladrando
Com medo aos ladrões !

Andaes, à neve, sem sapatos,
Vós que não tendes que calçar !

O Zé do Telhado morára, alli perto :
A triste Viúva
A nossa caza ia pedir, era certo,
Em noites de chuva...

Corpos au lén, vesti meus latos !
Pés nus ! leveas esses sapatos...
Basta-me um par.

O feira das uvas ! em tardes de calma...
(O tempo voou !)
Pediam-me os Pobres a esmola pela alma
Que Deus lhe levou !

Quando eu morrer, brito de magoa
Deitem-me ao Mar !

E havia-os com gotta, e havia-os herpéticos,
Mostrando a gangrena !
E mais, e ceguinhas, mas era dos éthicos
Que eu tinha mais pena...

Irei indo de fragoa em fragoa,
Até que, enfim, desfio em agoa,
Hei-de fazer parte do Mar !

Chegou uma carta tarjada : a estampilha
Bastou-me enxergar...
Coitados d'aqueles que perdem a filha,
Sobre agoas do Mar !

No Panthéon, tragico, o sino
Dá meia-noite, devagar :

O tardes de outomno, com fontes carpindo
Entre herva sedenta !

Os cravos a abrirem, a Lua aspergindo
Luar, agoa-benta...

E' o Victor, outra vez men-o
A compor um alexandrino,
Pelos seus dedos a contar!

Ao dar meia-noite no *coco* da sala,
Batiam : « Truz ! truz ! »
E o Avô que dormia, quietinho na valla,
Entrava, Jezus !

Que olhos tristes temi meu vizinho ;
Vê-me comer e põe-se a ougar :



Nas sachas de Junho, ninguem se batia
Com nosso cazeiro :
Que espanto, pudéra ! se da freguezia
Elle era o coveiro...

Sobe ao meu quarto, bom velhinho !
Que eu dou-te um copo d'este vinho
E metade do meu jantar.

Morria o mais velho dos nossos criados,
Que pena ! que dó !
Pedi-lhe, tremendo, fizesse recados
Á alminha da Avô...

Bairro-latino ! dorme um pouco,
Faze, meu Deus, por socegar !

Ó banzas dos rios, gemendo descantes
E fados do Mundo !
Ó agoas fallantes ! ó rios andantes,
Com ciras no fundo !

Calla-te, Georges ! estás já rouco !
Deixa-me em paz ! Calla-te, louce.
O' boulevard !

Trepava ás figueiras cheiinhos de figos
Como astros no Céu :
E em baixo, aparando-os, erguiam mendigos
O roto chapéu...

Boas almas, vinde ao meu seio !
Espíritos errantes no Ar !

Ó Lua encantada no fundo do poço,
Moirinha da Magoa !
O balde descia, chymeras de Moço !
Trazia só agoa...

Sou médio : evoco-os, noite em meio !
Vós não acreditaes, eu sei-o...
Deixa-l-o não acreditar.

Meus versos primeiros estão no adro, ainda,
Escriptos na cal :
Cantavam Aquella que é a roza mais linda
Que tem Portugal !

Se eu vos podesse dar a vista,
Céguinhos que ides a tactear...

A Lua é ceifeira que, ás noites, ensaia
Bailados na Terra !
Luar é caleiro que, pallido, caia
Ernidas da serra...

Quanto essa sorte me contrista !
Mas ah ! mais vale não ter vista
Que um mundo d'estes ter de olhar...

O conde da Lixa sabia o Horacio,
Tin-tin por tin-tin !

E dava-me, á noite, passeiando em palacio,
Lição de latim.

A Morte, agora, é a minha Ama
Que bem que sabe acalentar !

E entrei para a escola, meu Deus ! quem me dera
N'essa hora da Vida !
Uzava uma bluza, que linda que era !
E trança comprida...

A' noite, quando es ou na cama :
« Nana, nana, que a tua Ama
Vem já, não tarda ! fol cavar... »

Os outros rapazes furtavam os ninhos
Com ovos a abrir;
Mas eu mercava-lhes os bons passarinhos,
Deixava-os fugir...

Camões ! ó Poeta do Mar-bravo !
Vem-me ajudar...

Os Prezos, ás grades da triste cadeia,
Olhavam-me em face !
E eu ia á pouzada do guarda da aldeia
Pedir que os soltasse...

Tenho o nome do teu escravo :
Em nome d'elle e do Mar-bravo
Vem-me ajudar !

E quando um malvado moia a chibata
Um filho, ou assim,
Corria a seus braços, gritando : « Não bata !
Bata antes em mim... »

E o Vento gema ! e o Vento gema !
Que irá no Mar !

E quando dobrava na terra algum sino
Por velho, ou donzella,

A meu Pae rogavam e deixasse o Menino
Pegar a uma vela...

Lobos d'agoa, que ides ao leme
Tende cuidado ! a lancha treme.
Orçar ! orçar !

Enterros de anjinhos ! Oh dores que trazem
Aos tristes cazaes !
Ha doces, ha vinho, senhores que fazem
Saudes aos paes...

Meu velho Cão, meu grande amigo,
Porque me estás assim a olhar !

A Prima doidinha por montes andava,
Á Lua, em vigilia !
Olhae-me, Douctores ! ha doidos, ha lava,
Na minha Familia...

Quando eu choro, choras commigo
Meu velho Cão ! és meu amigo...
Tu nunca me has-de abandonar.

E os annos correram, e os annos cresceram,
Com elles cresci :
Os sonhos que tinha, meus sonhos... morreram,
Só eu não morri...

Frades do Monte de Crestello !
Abri-me as portas ! quero entrar...

Fui vendo que as almas não eram no Mundo
Singellas e francas :
A minha, que o era, ficou n'um segundo
Cheiinha de brancas !

Cortae-me as barbas e o cabello,
Vesti-me esse habito singello...
Deixae-me entrar !

Fiquei probrezinho, fiquei sem chymeras,
Tal qual Pedro-Sem,

Que teve fragatas, que teve galeras,
Que teve e não tem...

Moço Lusitano ! criança
Porque estás triste, a meditar ?

Vieram as rugas, nevou-me o cabello
Qual musgo na rocha...
Fiquei para sempre sequinho, amarello,
Que nem uma tocha !

Vês teu paiz sem esperança,
Que todo allue, à semelhança
Dos castellos que ergueste no Ar ?

E a velha Carlota, revendo-me agora
Tão pallido, diz :
« Meu pobre Menino ! que Nossa Senhora
Fez tão infeliz... »

Paris, 1891.



LUZITANIA NO BAIRRO-LATINO



Só!

Ai do Lusiada, coitado,
Que vem de tão longe, coberto de pó,
Que não ama, nem é amado,
Lugubre Outomno, no mez d' Abril!
Que triste foi o seu fado!
Antes fosse p'ra soldado,
Antes fosse p'r'o Brazil...

Menino e moço, tive uma Torre de leite,
Torre sem par!
Oliveiras que davam azeite,
Searas que davam linho de fiar,
Moinhos de velas, como latinas,
Que São Lourenço fazia andar...
Formozas cabras, ainda pequeninas,
E loiras vaccas de maternas ancas
Que me davam o leite de manhã,
Lindo rebanho de ovelhas brancas;
Meus bibes eram da sua lã.

Antonio era o Pastor d'esse rebanho :
Com ellas ia para os Montes, a pastar.
E tinha pouco mais ou menos seu tamanho,
E o pasto d'ellas era o meu jantar...

E a serra a toalha, o covilhete e a sala.
 Passava a noite, passava o dia
 N'aquellea doce companhia.
 Eram minhas Irmãs e todas puras
 E só lhes mingoava a falla
 Para serem perfeitas criaturas...
 E quando na Igreja das *Alvas Saudades*
 (Que era da minha Torre a freguezia)
 Batiam as *Trindades*,
 Com os seus olhos christianissimos olhavam-me,
 Eu persignava-me, rezava «*Ave-Maria...* »
 E as doces ovelhinhias imitavam me.

Menino e moço, tive uma Torre de leite,
 Torre sem par !
 Oliveiras que davam azeite...
 Um dia, os castellos cairam do Ar !

As oliveiras seccaram,
 Morreram as vaccas, perdi as ovelhas,
 Sairam-me os Ladrões, só me deixaram
 As velas do moinho... mas rótas e velhas !

Que triste fado !
 Antes fosse aleijadinho,
 Antes doido, antes cego...

Ai do Lusiada, coitado !

Veio da terra, mail-o seu moinho : .
 Lá, faziam-no andar as agoas do Mondego,



Hoje, fazem-no andar agoas do Sena...
É negra a sua farinha!
Orae por elle! tende pena!
Pobre Moleiro da Saudade...

Ó minha

Terra encantada, cheia de Sol,
Ó campanarios, ó Luas-Cheias,
Lavadeira que lavas o lençol,
Ermidas, sinos das aldeias,
Ó ceifeira que cegas cantando,
Ó moleiro das estradas,
Carros de bois, chiando...
Flores dos campos, beiços de fadas,
Poentes de Julho, poentes mineraes,
Ó choupos, ó luar, ó regas de verão!

Que é feito de vocês? Onde estaes, onde estaes?

Ó padeirinhas a amassar o pão,
Velhinhas na roca a fiar,
Cabello todo em caracoes!
Pescadores a pescar
Com a linha cheia de anzoes!
Zumbidos das vespas, ferões das abelhas,
Ó bandeiras! ó Sol! foguetes! ó toirada!
Ó boi negro entre as capas vermelhas!
Ó pregões d'agoa fresca e limonada!
Ó romaria do *Senhor do Viandante*!
Procissões com musica e anjinhos!
Srs. Abbades d'Amarante,
Com trez ninhadas de sobrinhos!

Onde estaes? onde estaes?

Ó minha capa de estudante, ás ventanias!
Cidade triste agazalhada entre choupaes!
Ó dobras dos poentes, ás *Ave-Marias*!
Ó *Cabo do Mundo*! *Moreira da Maia*!
Estrada de S. Thiago! Sete-Estrello!
Cazas dos pobres que o luar, á noite, caia..

Fortalezas de Lipp ! ó fosso do *Castello*,
 Amortalhado em perrexil e trepadeiras,
 Onde se enroscam como espozos as lagartas !
 Sr. Governador a podar as rozeiras !
 Ó Bruxa do Padre, que botas as cartas !
 Joaquim da Thereza ! Francisco da Hora !
 Que é feito de vós ?
 Fallaveis aos barcos que andavam, lá fóra,
 Pelo porta-voz...
Arrabalde ! marítimo da França,
 Conta-me a historia da *Formoza Magalona*,
 E do *Senhor de Calais*,
 Mais o naufragio do vapor *Perseverança*,
 Cujos cadaveres ainda vejo á tona...
 Ó pharolim da *Barra*, lindo, de bandeiras,
 Para os vapores a fazer signaes,
 Verdes, vermelhas, azues, brancas, estrangeiras.
Diccionario magnifico de Cores !
 Alvas espumas, espumando a fragoa,
 Ou rebentando, á noite, como flores !
 Ondas do Mar ! Serras da Estrella d'agoa,
 Cheias de brigues como pinhaes...
 Morenos marcantes, trigueiros pastores !
 Onde estaes, onde estaes ?
 Convento d'agoas do Mar, ó verde Convento,
 Cuja Abbadessa secular é a Lua
 E cujo Padre-capellão é o Vento...
 Agoa salgada d'esses verdes poços,
 Que nenhum balde, por maior, escua !
 Ó Mar jazigo de paquetes, de ossos,
 Que o Sul, ás vezes, arrola á praia :
 Olhos em pedra, que ainda chispam brilhos !
 Corpo de virgem, que ainda veste a saia,
 Braços de mães, ainda a apertar braços de filhos !
 Noiva cadaver ainda com véu...
 Ossadas ainda com os mesmos fatos !
 Cabeça roxa ainda de chapéu !
 Pés de defunto que ainda traz sapatos !
 Boquinha linda que já não canta...

Boccas abertas que ainda soltam ais !
 Noivos em nupcias, ainda, aos beijos, abraçados !
 Corpo intacto, a boiar (talvez alguma Sancta...)
 Ó desfuntos do Mar ! ó roxos arrolados !

Onde estaes, onde estaes ?

Ó *Boa Nova*, ermida á beira-mar,
 Unica flór, n'essa viv'alma de areaes !
 Na cal, meu nome ainda lá deve estar,
 Á chuva, ao Vento, aos vagalhões, aos raios.
 Ó altar da *Senhora*, coberto de luzes !
 Ó poentes da *Barra*, que fazem desmaios...
 Ó *Sant'Anna*, ao luar, cheia de cruzes !
 Ó logar de *Roldão* ! villa de *Perafita* !
 Aldeia de *Gonsalves* ! *Mesticosa* !
 Engenheiros, medindo a estrada com a fita...
 Agoa fresquinha da *Amoroza* !
 Rebolos pela areia ! Ó praia da *Memoria* !
 Onde o Sr. Dom Pedro, *Rei-soldado*,
 Atracou, diz a Historia,
 No dia... não estou lembrado;
 Ó capellinha do *Senhor d'Areia*,
 Onde o Senhor appareceu a uma velhinha...
 Algas, farrapos do vestido da *Sereia* !
 Lanchas da *Povoa* que ides á sardinha,
 Poveiros, que ides para as vinte braças
 Sol-pôr, entre pinhaes...
 Capellas onde o Sol faz mortes, nas vidraças !

Onde estaes ?



Georges! anda ver meu paiz de Marinheiros,
O meu paiz das Naus, de esquadras e de frotas!

Oh as lanchas dos poveiros
A sairem a barra, entre ondas e gaivotas!
Que estranho é!
Pincam o remo na agoa, até que o remo torça,
A espera da maré,
Que não tarda hi, avista-se lá fóra!
E quando a onda vem, fincando-o a toda a força,
Clamam todos á uma : « Agóra! agóra! agóra! »
E, a pouco e pouco, as lanchas vão saindo
(Ás vezes, sabe Deus, para não mais entrar...)
Que vista admiravel! Que lindo! que lindo!
Içam a vela, quando já têm mar:
Dá-lhes o Vento e todas, á porfia,
Lá vão soberbas, sob um céu sem manchas,
Rozario de velas, que o vento desfia,
A rezar, a rezar a *Ladainha das Lanchas*:

Senhora Nagonia!

Olha, acolá!
Que linda vae com seu erro de ortographia...
Quem me dera ir lá!

Senhora Da guarda!

(Ao leme vae o Mestre Zé da Leonor)
Parece uma gaivota : aponta-lhe a espingarda
O caçador!

Senhora d'ajuda!
Ora pro nobis!
Calluda!
Sêmos probes!

*Senhor dos ramos !
Istrella do mar !
Cá bamos !*

Parecem Nossa Senhora, a andar.

Senhora da Luz !

Parece o Pharol...

Maim de Jesus !

É tal qual ella, se lhe dá o Sol !

*Senhor dos Passos !
Sinhora da Ora !*

Aguias a voar, pelo mar dentro dos espaços
Parecem ermidas caídas por fóra...

*Senhor dos Navegantes !
Senhor de Matuzinhos !*

Os mestres ainda são os mesmos d'antes :
Lá vae o Bernardo da Silva do Mar,
A mail-os quatro filhinhos,
Vascos da Gama, que andam a ensaiar...

*Senhora dos afitos !
Martyr São Sebastião !
Ouvi os nossos gritos !
Deus nos leve pela mão !
Bamos em paz !*

Ó lanchas, Deus vos leve pela mão !
Ide em paz !

Ainda lá vejo o Zé da Clara, os Remelgados,
O Jéques, o Pardal, na *Nam te perdes*,
E das vagas, aos rythmos cadenciados,

As lanchas vão traçando, á flôr das agoas verdes
 » As armas e os barões assignalados... »

Lá sae a derradeira !
 Ainda agarra as que vão na dianteira...
 Como ella corre ! com que força o Vento a impelle :

Bamos com Deus !

Lanchas, ide com Deus ! ide e voltae com elle
 Por esse mar de Christo...

Adeus ! adeus ! adeus

3

Georges ! anda ver meu paiz de romarias
 E procissões !



Olha essas moças, olha estas Marias !
 Caramba ! dá-lhes beliscões !
 Os corpos d'ellas, vê ! são ourivezarias,
 Gula e luxuria dos Manceis !
 Têm nas orelhas grossas arrecadas,
 Nas mãos (com luvas) trinta moedas, em anneis,
 Ao pescoço serpentes de cordões,
 E sobre os seios entre cruzes, como espadas,

Além dos seus, mais trinta *corações* !
 Vá ! Georges, faze-te Manel ! viola ao peito,
 Toca a bailar !
 Dá-lhes beijos, aperta-as contra o peito,
 Que hão de gostar !
 Tira o chapéu, silencio !

Passa a procissão.

Estralejam foguetes e morteiros.
 Lá vem o Pallio e pegam ao cordão
 Honestos e morenos cavalheiros.
 Altos, tão altos e enfeitados, os andores,
 Parecem *Torres de David*, na amplidão !
 Que linda e aceitada vem a Senhora das Dores !
 Olha o Mordomo, á frente, o Sr. Conde.
 Contempla ! Que tristes os Nossos Senhores,
 Olhos leaes fitos no vago... não sei onde !
 Os aujinhos !
 Vêm a suar :
 Infantes de trez annos, coitadinhos !
 Mãos invizíveis levam-nos de rastros
 Que elles mal sabem andar.

Esta que passa é a *Noite cheia de astros* !
 (Assim estava, em certo dia, na Judeia)
 Aquelle é o *Sol* ! (Que bom o Sol de olhos pintados !)
 E aquella outra é a *Lua-Cheia* !
 Seus doces olhos fazem luar...
 Essa, acolá, leva na mão os *Dados*,
 Mas perde tudo se vai jogar.
 E esta que passa, toda de arminhos,
 (Vê ! d'entre o povo em extazi, olha-a a Mãe)
 Leva, sorrindo, a *Coroa dos Espinhos*.
 Criança em flôr que ainda os não temi.
 E que bonita vai a *Esponja de Fel* !
 Mal elia sabe, a innocentinha,
 Nas suas mãos a *Esponja* deita mel :
 Abelhas d'ouro tomam-lhe a dianteira
 Lá vem a *Lança* ! A bainha

Traz ainda o sangue da *Sexta-feira*...
 Passa o ultimo, o *Sudario*!
 O corpo de Jezus, Nossa Senhor...
 Oh que vermelho extraordinario!
 Parece o Sol-pôr...
 Que pena faz vel-o passar em Portugal
 Ai que feridas! e não cheiram mal...

E a procissão passa. Preamar de povo!
 Maré cheia do Oceano Atlântico!
 O bom povinho de fato novo,
 Nas violas de arame soluça, romantico,
 Fadinhos chorozos da su'alma beata.

Trazem imagens da Funcção nos seus chapéus.

Pocira opaca. Abafa-se. E, no Céu ferro-e-ouro,
 O Sol em gloria brilha olympico, e de prata,
 Como a velha cabeça aureolada de Deus!

Trombetas clamam. Vae correr-se o toiro.
 Passam as chocas, boas mães! passam capinhas.

Pregões. *Laranjas!* *Ricas cavaquinhas!*
Pão de ló de Margaride!
Agoinha fresca da Moirama!
Vinho verde a escorrer da vide!

Á porta d'um cazial, um tysico na cama,
 Olha tudo isto com seus olhos de Outro-mundo,
 E uma netinha com um ramo de loireiro
 Enxota as moscas, do moribundo.

Dança de roda mail-as moças o coveiro.

Clama um ceguinho:
 « Não ha maior desgraça n'esta vida,
 Que ser ceguinho! »
 Outro, moreno, mostra uma perna partida!
 Mas fede tanto, coitadinho...
 Este, sem braços, diz « que os deixou na pedreira... »

E esse, acolá, todo o corpinho n'uma chaga,
Labareda de cancros em fogueira,
Que o Sol atiça e que a gangrena apaga,
Ó Georges, vê ! que excepcional cravina...

Que lindos cravos para pôr na botocira !

Tysicos ! Doidos ! Nus ! Velhos a ler a sina !
Etnas de carne ! Jobs ! Flores ! Lazaros ! Christos !
Martyres ! Cães ! Dhalias de puz ! Olhos-fechados !
Rheumaticos ! Anões ! Deliriums-tremens ! Kistos !
Monstros, phenomenos, afflictos, aleijados,
Talvez lá dentro com perfeitos corações :
Todos, á uma, mugem roucas ladainhas,
Trágicos, uivam a uma esmola p'las alminhas
Das suas obrigações !
Pelo nariz corre-lhes puz, gangrena, ranho !
E, coitadinhos ! fedem tanto : é de arrazar...

Qu'é dos Pintores do meu paiz estranho,
Onde estão elles que não vêm pintar ?

Paris, 1891-1892.



ENTRE DOURO-E-MINHO



Purinha

O Espírito, a Nuvem, a Sombra, a Chymera,
Que (aonde ainda não sei) n'este Mundo me espera;
Aquella que, um dia, mais leve que a bruma,
Toda cheia de véus, como uma Espuma,
O Sr. Padre me dará p'ra mim
E a seus pés me dirá, toda corada : *Sim!*
Ha-de ser alta como a *Torre de David*,
Magrinha como um choupo onde se enlaça a vide
E seu cabello em cachos, cachos d'uvas,
E negro como a capa das viuvas...
(A maneira o trará das virgens de Belem
Que a Nossa Seuhora ficava tão bem !)
E será uma espada a sua mão,
E branca como a neve do Marão,
E seus dedos serão como punhaes,
Fuzos de prata onde fiarei meus ais !
E os seus seios serão como dois ninhos,
E os seus sonhos serão os passarinhos,
E será sua bocca uma romã,
Seus olhos duas Estrellinhas da Manhã !
Seu corpo ligeiro, tão leve, tão leve,
Como um sonho, como a neve,
Que hei-de suppôr estar a ver, ao vel-a,
Cabrinhas montezas da Serra da Estrela...
E ha-de ser natural como as hervas dos montes
E as rolas das serras e as agoas das fontes,
E ha-de ser boa, excepcional, quazi divina,
Mais pura, mais simples, que moça e menina.
Deus, pela voz dos rouxinoes ha-de gabal-a
E os Rios ao passar hão-de cantal-a.
Seu virgin coraçao ha-de ser tão branquinho,

Que não ha n'este Mundo a que equalal-o : o linho
 Que, em roca de crystal, fiava a minha Avó
 Parecerá de crepe, e a neve... far-me-á dó,
 Mais a farinha do moleiro e a violeta,
 E a Lua para mim será como uma Preta !

Mas em que Patria, em que Nação é que me espera
 Esta Torre, esta Lua, esta Chymera?
 Fui ter com minha Fada e disse-lhe : « Madrinha !
 Onde haverá na Terra assim uma Rainha ? »
 E a minha Fada, com sua vara de encantar,
 Um reino me apontou, lá baixo, ao pé do Mar...

Meniuas, lindas meninas !
 Qual de vós é o meu Ideal?
 Meninas, lindas meninas
 Do Reyno de Portugal !

E no dia do meu recebimento !
 Manhã cedo, com luar ainda no Firmamento,
 Quando ainda no Céu não bole uma Aza,
 A minha Noiva sairá de caza
 Mail-a sua Mãe, mail-os seus Irmãos.
 E ha-de sorrir, e hão-de tremer-lhe as mãos...
 E a sua Ama ha-de segui-l-a até á porta,
 E ficará, coitada ! como morta !
 E ha-de ser triste vel-a, ao longe, ainda... olhando,
 Com o avental seus olhos enxugando...
 E hão-de cercal-a sete Madrinhas,
 Que hão-de ser sete virgens pobrezinhas,
 Todas contentes por estreiar vestido novo !
 E, ao vel-as, suas mães sorrião d'entre o Povo...
 E o povo da freguezia
 Esperará mais eu, no adro de *Sancta Iria*.
 E hão-de mirar-me com seu ar curioso,
 E hão-de cercar-me, n'um silencio respeitozo.
 E eu hei-de lhes fallar das colheitas, da chuva,
 E dir-me-ão « que já vae pintando a uva... »
 E animados então (o Povo é uma criança !)
 Porque o Sr. Doutor lhes deu confiança,

Que Deus o ajude a dirá um, e o Regedor :
Vá e o a Graça de Nossa-Senhor !
E eu hei-de agradecer, sorrir, gostar.
Mas o Anjo, no entanto, não deve tardar...
E d'entre o grupo exclamará um Velho, então :
Já nasce o dia ! e eu olharei... mas não :
É a minha Noiva que parece dia,
Luzente como a cal de *Sancta Iria* !
E ao vel-a tão branca, de branco vestida,
Ao longe, ao longe, hei-de cuidar ver uma Ermida !
E dirá o Pasto, com espanto tamanho,
Que é uma Ovelha que fugiu do seu rebanho !
E o João Maluco dirá que é o Luar de Janeiro !
E o pescador explicará ao bom Moleiro
Que é tal qualzinha a sua Lancha pelo Mar !
E o Moleiro dirá que é o seu Moinho a andar !
Que assim já foram as velhinhos scismarão,
E as netas, coitadas ! que, um dia, o serão...
Mas o Anjo assomará, á porta da capella,
E eu branco e tremulo hei-de ir ter com ella.
E a Estrella deitar-me-á a benção dos seus olhos
E uma aldeã deitar-lhe-á violetas, aos molhos !
E a Bem-Amada entrar na igreja ha-de...
E ha-de cazar-nos o Sr. Abbade.
E, em seguida, será a nossa boda,
E festas haverá, na aldeia toda.
E as mais raparigas do sitio, solteiras,
Hão-de bailar bailados sobre as eiras,
Com *trinta moedas* de oiro sobre o peito !
E cantigas dirão a seu respeito.
E a Noiva em gloria, prepassando nas jauellas,
Sorrirá com simplicidade para ellas.
E a noite, pouco e pouco, descerá...
E tudo acabará.
E depois e depois, o Anjo ha-de se ir deitar,
E a sua Mãe ha-de a abraçar... E hão-de chorar !
E a sua alcova deitará sobre o jardim,
Onde uma fonte correrá, entre alecrim :
E, ao ouvir-a cantar, deitadinha na cama,
O Anjo adormecerá, cuidando que é a sua Ama...
6

Mas qual a villa, qual a aldeia, qual a serra
 Que este Palacio de Ventura encerra?
 Fui ter com minha Fada e disse-lhe : « Madrinha !
 Accaso nunca te mentiu tua varinha ? »
 E a minha Fada com sua vara de condão
 Nos ares escreveu com tres estrellas : « Não ! »

Meninas, lindas meninas !
 Qual de vós é o meu Ideal ?
 Meninas ! lindas meninas
 Do Reyno de Portugal !

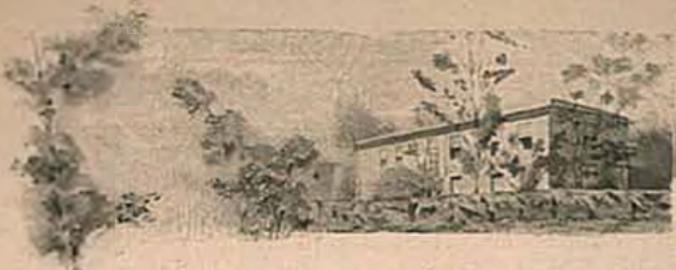
O nosso Lar !
 Minha Madrinha, ajuda-me a souhar !
 Que a nossa caza se erga d'entre uma eminencia,
 Que seja tal qual uma rezidencia,
 Alegre, branca, rustica, por fóra.
 Que digam : « É o Sr. Abbade que alli móra. »
 Mas no interior ella ha-de ser sombria,
 Como eu com esta melancolia :
 E salas escuras, chorando saudades...
 E velhos os moveis, de antigas idades...
 (E, assim, me illuda e, assim, cuide viver
 N'outro seculo em que eu deveria nascer.)
 E nas paredes telas de Parentes...
 E janellas abertas sobre os poentes...
 (E a Chymera lerá o seu livro de rezas...)
 E cravos vermelhos por cima das mezas...
 E o relogio dará as horas devagar,
 Como as palpitações de quem se vae finar...
 E, o dia todo, n'este claustro e solidão,
 Passarei a esquecer, ao canto do fogão;
 E a scismar e a scismar sem que me veja alguem
 Na Dòr, na Vida, em Deus, nos mysterios do *Além* ?
 E eu o Astrologo, o Bruxo, o Afflito, o Médio,
 Rogarei aos Espiritos remedio
 E um bom Espírito virá tratar do Doente
 E ha-de fugir com susto a outra gente.
 E a Noite descerá, pouco e pouco, no entanto,
 E a Noite embrulhará o Afflito no seu manto !

Mas a Purinha, então, vindo da rua,
Toda de branco surgirá, como uma Lua !
E, ao vel-a, acordarei, meu Deus de França !
E pela mão me levará, como uma criança.
E eu pallido ! e eu tremendo ! e o Anjo pelo caminho
« Não te afflijas... » dirá, baixinho...
E, assim, será piedозa para os mais :
E ha-de entrar na mizeria dos cazaes,
Nos montes mais altos, nos sitios mais ermos,
E será a Saude dos Enfermos !
E, quando pela estrada encontrar um velhinho
Todo suado, carregadinho,
(Louvado seja Nossa Senhor !)
Ha-de tirar seu lenço e ir enxugar-lhe o suor !
E ás aves, em prisão, abrirá as gaiolas.
E, aos sabbados, o dia das esmolas,
A Sancta descerá ao patamar da escada,
(Envolta, sem saber, n'uma capa estrellada)
Esmolas, distribuindo a este e áquelle: e aos ceguinhos
E mais aos aleijadinhos,
Mais aos que deitam sangue pela bocca,
Mais aos que vêm cantar, n'uma rabeca rouca,
Amores, Naufragios e A Nau Cathrineta,
Mais aos Afflictos que andam no Planeta,
Mais ás viuvas dos Degredados...
E tudo seja pelos meus peccados !
E ha-de cozer (serão os remendos de flores)
As velas rótas dos pescadores
E a luz do seu olhar benzerá essas velas
E nunca mais hão-de rasgar-lh'as as procellas !
E accenderá os cyrios ao Senhor,
(Que sejam como ella no talhe e na cór)
Quando houver temporal... e eu virei p'r'a saccada
Ver os relampagos, ouvir a trovoada !
E n'isto só rezumir-se-á a sua vida :
Vestir os Nus, aos Pobres dar guarida,
Fallar á alma que na angustia se consome,
Dar de comer a quem tem fome,
Dar de beber a quem tem sede...
E, lá, do Alto, Jezus dirá aos Homens : « Vede... »

E eu hei-de em minhas obras imital-a
 E amal-a como á Virgem e adoral-a.
 E a Virgem ha-de encher com a mesma paixão
 As marés-vazas d'este pobre coração
 Que tanto teve e que hoje nada tem,
 Nem mesmo aquillo que vós tendes, Mãe.
 E será a Mamã que me ha-de vir criar,
 Admiravel Joaquinha d'Arc,
 Meu novo berço d'uma Vida nova !
 E ha-de ir commigo para a mesma cova,
 Pois que no dia em que eu morrer
 Veneno tomará, n'uma colher...
 Mas em que sitio, aonde? aonde? é que se esconde
 Esta Bandeira, esta India, este Castello, aonde? aonde?
 Fui ter com minha Fada, e disse-lhe : « Madrinha !
 Mas pode haver, assim, na Terra uma Purinha ?
 E a minha Fada com sua vara de marfim
 Nos ares escreveu com tres estrellas : « Sim ! »

Meninas, lindas meninas !
 Qual de vós é o meu Ideal ?
 Meninas, lindas meninas
 Do Reyno de Portugal !

Paris, 1891.



Canção da Felicidade

IDEAL D'UM PARISIENSE

Felicidade ! Felicidade !
Ai quem ma dera na minha mão !
Não passar nunca da mesma idade,
Dos 25, do quarteirão.

Morar, mui simples, n'alguma caza
Toda caiada, defronte o Mar;
No lume, ao menos, ter uma braza
E uma sardinha p'ra n'ella assar...

Não ter fortuna, não ter dinheiro,
Papeis no Banco, nada a render :
Guardar, podendo, n'um miaheiro
Economias p'r'o que vier.

Ir, pelas tardes, até á fonte
Ver as pequenas a encher e a rir,
E ver entre ellas o Zé da Ponte
Umi pouco torto, quazi a cair.

Não ter chymeras, não ter cuidados
E contentar-se com o que é seu,
Não ter torturas, não ter peccados,
Que, em se morrendo, vae-se p'r'o Céu !

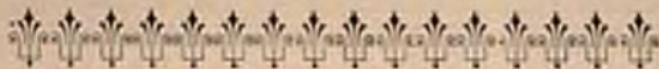
Não ter talento; sufficiente
Para na Vida saber andar,
E quanto a estudos saber sómente
(Mas ai sómente !) ler e contar.

Mulher e filhos ! A Mulherzinha
Tão loira e alegre, Jezus ! Jezus !
E, em nove mezes, vel-a choquinha
Como uma pomba, dar outra á luz.

Oh ! grande vida, valha a verdade !
Oh ! grande vida, mas que illuzão !
Felicidade ! Felicidade !
Ai quem ma dera na minha mão !

Paris, 1892.





Para as Raparigas de Coimbra

1

Tristezas têm-nas os montes,
Tristezas têm-nas o Céu,
Tristezas têm-nas as fontes,
Tristezas tenho-as eu !

2

Ó choupo magro e velhinho,
Corcundinha, todo aos nós,
És tal qual meu Avôzinho :
Falta-te apenas a voz.

3

Minha capa vos acoite
Que é p'ra vos agazalhar :
Se por fóra é cór da noite,
Por dentro é cór do luar...

4

Ó sinos de *Sancta Clara*,
Por quem dobraes, quem morreu?
Ah, foi-se a mais linda cara
Que houve debaixo do Céu !

5

A sereia é muito arisca,
 Pescador, que estás ao Sol :
 Não cae, tolinho, a essa isca...
 Só pondo uma flôr no anzol !

6

A Lua é a hostia branquinha
 Onde está Nosso Senhor :
 É d'uma certa farinha
 Que não apanha bolor.

7

Vou a encher a bilha e trago-a
 Vazia como a levei !
 Mondego, qu'é da tua agoa,
 Qu'é dos prantos que eu chorei ?

8

No inverno não tens fadigas,
 E tens agoa para leões !
 Mondego das raparigas,
 Estudantes e violões !

9

— É só porque o mundo zomba
 Que pões luto ? Importa lá !
 Antes te vistas de pomba...
 — Pombas pretas tambem ha !

10

Therezinhas ! Ursulinas !
 Tardes de novena, adeus !
 Os corações ás batinas
 Que diriam ? sabe o Deus...

11

Ó bôca dos meus dezejos,
Onde o padre não poz sal,
São morangos os teus beijos,
Melhores que os do Choupal!

12

Manoel no *Pio* repoiza.
Todas as tardes, lá vou
Ver se quer alguma coiza,
Perguntar como passou.

13

Agora, são tudo amores
Á roda de mim, no *Caes*,
E, mal se apanham doutores,
Partem e não voltam mais...

14

Aos olhos da minha fronte
Vinde os cantaros encher :
Não ha, assim, segunda fonte
Com duas bicas a correr.

15

Os teus peitos são dois ninhos
Muito brancos, muito novos,
Meus beijos os passarinhos
Mortinhos por pôrem ovos.

16

Nossa Senhora faz meia
Com linha branca de luz :
O novello é a Lua-Cheia,
As meias são p'ra Jezus.

17

Meu violão é um cortiço,
Teni por abelhas os sons,
Que fabricam, valha-me isso,
Fadinhas de mel, tão bons.

18

Ó Fogueiras, ó cantigas,
Saudades ! recordações !
Bailac, bailae, raparigas !
Batei, batei, cónrações !

Coimbra, 1890.





Carta a Manoel

Manoel, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
Mas não foi Anto, não fui eu quem teve a culpa,
Foi Coimbra. Foi esta payzagem triste, triste,
A cuja influencia a minha alma não reziste.
Queres notícias? Queres que os meus nervos falem?
Vá! dize aos choupos do Mondego que se calleim
E pede ao Vento que não uive e gema tanto:
Que, enfim, se soffre, abafe as torturas em pranto,
Mas que me deixe em paz! Ah tu não imaginas
Quanto isto me faz mal! Peor que as sabbatinas
Dos ursos na aula, peor que beatas correrias
De velhas magras, galopando Ave-Marias,
Peor que um diamante a riscar na vidraça,
Peor eu sei lá, Manoel, peor que uma desgraça!
Hysterisa-me o Vento, absorve-me a alma toda,
Tal a menina pelas vesperas da boda,
Atarefada mail-a ama, a arrumar...
O Vento afoga o meu espirito n'um mar
Verde, azul, branco, negro, cujos vagalhões
São todos feitos de luar, recordações.
À noite, quando estou, aqui, na minha toca,
O grande evocador do Vento evoca, evoca
O meu doido verão, este anno passado,
(E a um canto bate, alli, cardiaco, apressado,
O tic-tac do relogio do fogão...)
Bons tempos, Manoel, esses que já lá vão!
Isto, tu sabes? faz vontade de chorar.
E, pela noite em claro, eu fico-me a scismar,
Triste, ao clarão da lamparina que desmaia,
Na existencia que tive este verão na praia,
Quando, mal na amplidão, vinha arraiando a aurora,

Ia por esse mar de Jezus-Christo fóra,
 No barco á vela do moreno Gabriel !
 Vejo passar de negro, envoitas em burel,
 Quantos sonhos, meu Deus ! quantas recordações !
 Phantasmas do Passado, ophelicas vizões,
 Que, embora estejam lá, no seu paiz distante,
 Oiço-as fallar na minha alcova de estudante.

Minhas vizões ! entrae, entrae, não tenhaes medo !
 Ó *Rio Doce* ! tunnel d'agoa e de arvoredo !
 Por onde Anto vogava em o wagón d'um bote...
 E, ao Sol do meio dia, os banhos em pelote
 Quando iamos nadar, á *Ponte de Tavares* !
 Tudo se foi ! Espuma em flocos pelos ares !
 Tudo se foi...

Hoje, mais nada tenho que esta
 Vida claustral, bacharelatica, funesta,
 N'uma cidade assim, cheirando essa indecente,
 Por toda a parte, desde a Alta á Baixa, a lente !
 E ao pór-do-Sol uo *Caes*, contemplando o Mondego,
 Honestos bachareis são postos em socgo
 E mal a *cabra* bala aos Ventos os seus aís,
 « Speech » de quarto d' hora em palavras eguaes,
 Os tristes bachareis recolhem ás herdades,
 Como na sua aldeia, ao baterem Trindades.
 Bem me dizias tu, como que adivinhando
 O que isto para mim seria, Manoel, quando
 O anno passado, vim contra tua vontade
 Matricular-me, alí, n'essa Universidade :
 « Anto não vás... » dizias tu. Eu, fraco, vim.
 Mas certamente, é natural, não chego ao fim.
 Ah quanto fôra bem melhor a formatura,
 Na Escola-Livre da Natureza, Mãe pura !
 Que optimas prelecções as prelecções modernas,
 Cheias de observação e verdades eternas,
 Que faz diariamente o Proff. Oceano !
 Já tinha dado todo o *Coração Humano*,
 Manoel, faltava um anno só para acabar
 Meu curso de Psychologia com o Mar.
 Porque troquei pela Coimbra de avelã

Essa Escola sem par, cujo Reitor é Pan?
 Talvez... preguiça, eu sei... A cabra é a cotovia:
 As aulas, lá, começam, mal aponta o dia!

Que tedio o meu, Manoel! Antes de vir, gostava.

Era a distancia, o *além*, que me impressionava:
 Tinha o mysterio do Sol-pôr, d'uma esperança.
 Mas, mal cheguei (que espanto! eu era uma criança)
 Tudo rolou no solo! A *Tasca das Camellas*
 Para mim era um sonho, o Céu cheio de estrellas:
 Nossa Senhora a dar de ceiar aos estudantes
 Por 6 e 5! Mas ah! foi-se a Virgem d'antes
 Tia Camella... só ficou a camelice.

Com tudo, em meio d'esta futil coimbrice,
 Que lindas coisas a lendaria Coimbra encerra!
 Que payzageni lunar que é a mais doce da Terra!
 Que extraordinarias e medievais raparigas!
 E o rio? e as fontes? e as fogueiras? e as cantigas?
 As cantigas! Que encanto! Uma diz-te respeito,
 Manoel, é um sonho, é um beijo, é um amor-perfeito
 Onde o luar gelou: Manoel! tão lindas moças!
 Manoel! tão lindas são...

Que pena que não ouças!
 O que, ainda mais, n'esta Coimbra de salgueiros
 Me vale, são os meus alegres companheiros
 De caza. Ao pé d'elles é sempre meio-dia:
 Para isso basta entrar o Mario da Anadia.
 Até a Morte é branca e a Tristeza vermelha
 E riem-se os rasgões d'esta batina velha!
 Conheces o Fernando? a Graça que elle tem?
 Dá ainda uns ares de Fr. Gil de Santarem...
 Pallido e loiro, em si toda uma Hollanda canta
 Com algum Portugal... E o doce Misco? Sancta
 Thereza de Jezus vestida de rapaz...
 Porque não vens, Manoel, ungir-te d'esta Paz?

Vem a Coimbra. Has-de gostar, sim, meu Amigo.

Vamos ! Dá-me o teu braço e vem d'ahi comigo :
 Olha... São os *Geraes*, no intervallo das aulas.
 Bateu o quarto. Vê ! Vêm sahindo das jaulas
 Os estudantes, sob o olhar pardo dos lentes.
 Ao vel-os, quem dirá que são os descendentes
 Dos Navegantes do seculo XVI?
 Curvam a espinha, como os aulicos aos Reis !
 E magros ! tristes ! de cabeça derreiada !
 Ah ! como hão-de, amanhã, pegar em uma espada !
 — E os Douctores ? — Ahi, os tens, graves, á porta.
 Porque te ris ? Olhal-os tanto... Que te importa ?
 Ha duas excepções : o mais, são todos um.
 Quaresma d'Alma, sexta-feira de jejum...
 Não quero entanto, meu Manoel, que vás embora
 Sem vêr aquele amor que a minha alma adora :
 Olha, acolá. Gigante, altivo como um cedro,
 Olhando para mim com ternura : é o meu Pedro
 Penedo !

Ó Pedro da minh'alma ! meu Amigo !
 Que feliz sou, bom velho, em estudar contigo !
 Mal diria eu em pequenito, quando a ama
 Para eu me callar, vinha fazer-me susto á cania,
 Por ti chamava : Pedro ! e eu socegava logo,
 Que eras tu o *Papão* ! A ama, de olhos em fogo,
 Imitava-te o andar, que não era bem de homem...
 Eu tinha birras ? — Ahi vem o Lobishomem !
 Dizia ella. — Bate á porta ! Truz ! truz ! truz !
 E tu entravas, Pedro, eu via ! Horror ! Jezus !

Meu velho Pedro ! meu phantasma de criança !
 Quero-te bem, tanto que tenho na lembrança,
 Quando morreres, Pedro ! (o Pedro nunca morre)
 Hei-de pegar em ti, encher de alcohol a Torre
 Com todo o meu esuero e... zás ! metter-te dentro !
 Pedro ! assim ficas enfrascado, ao alto e ao centro,
 E eternamente, para espanto dos vindoiros :
 No rotulo porei : *Alli-Bed, Rey dos Moiros.*

Mas... toca a recoller. Dou uma falta : embora !
 Saímos...

Manoel, vamos por ahi fóra

Lavar a alma, furtar beijos, colher flores,
 Por esses doces, religiosos arredores,
 Que vistos uma vez, ali ! não se esquecem mais :
 Torres, Condeixa, Santo Antonio de Olivaes,
 Lorbão, Sernache, Nazareth, Tentugal, Cellas !
 Sítios sem par ! Onde ha payzagens como aquellas ?
 Sanctos Logares, onde jaz meu coração,
 Cada um é para mim uma recordação...

Condeixa?

Vamos ao arraial que, alli, ha.
 — Sol, poeira, tanta gente ! — É o mesmo, vamos lá !

Olha ! Estudantes, dando o braço ás raparigas,
 Caras de leite, olhos de luar, tranças d'estrigas ;
 Arrancam-lhes do seio arfando as violetas,
 Aos hombros d'ellas põem suas capas pretas :
 Que deliciosos estudantes que ellas ficam !
 Velhos aldeões que tudo vêm, mas não implicam,
 Porque, em summa, que mal pode fazer um beijo ?
 Vêm até uós, sorrindo, aproveitando o ensejo,
 Com o chapéu na mão, simples e bons e hourados ;
 Vêm consultar-nos, porque « somos advogados
 E sabemos das leis... » O que devem fazer
 Ali n'uma questão, n'uma questão qualquer
 De agoas com um vizinho : é tal a cheia d'ellas
 Que estraga as plantações ! — Que hão-de fazer ? Bebel-as !
 E vão-se, assim, jurando aviár nossos conselhos...
 Ai de vós ! ai das vossas agoas, pobres velhos !

Tentugal?

Que manhã ! E não quereres vir...
 Pega nas luvas, no chapéu. Vamos partir.
 É logo alli : quinze kilometros, é perto.
 Espera-nos o Toy, extasia-se o Alberto,
 Pela janella d'esse Mundo amplo e rasgado !
 Que bello dia ! ó Sol, obrigado, obrigado !
 Payzagem outonal alegra-te tambem !
 Hoje, não quero ver ninguem triste, ninguem !

Outomno, vá ! melancolia, faze tregos !
 Peço paz, rendo-me ! Haja paz, n'estas trez legoas !
 Choupos, então ? Que é isso ? erguei a fronte, vamos !
 Ó verdilhões, ide cantar-lhes sobre os ramos !
 Aves por folhas ! Animae-os ! animae-os !
 Applica-lhes, ó Sol ! uma ducha de raios !
 Almas tristes e sós (não é mais triste a minha !)
 Aqui estaes, meu Deus ! desde a aurora á tardinha.
 O Vento leva-vos a folha, a pelle; o Vento
 Leva-vos o orvalho, a agoa, o prezigo, o sustento !
 E dobra-vos ao chão, faz-vos tossir, coitados !
 Estaes aqui, estaes promptos, amortalhados.
 Fazeis lembrar-mz, assim, postos n'estes logares,
 Uma colonia de phtysicos, a ares...
 Não vos verei, talvez, quando voltar; comtudo
 Ver-vos-ei, lá, um dia, onde se encontra tudo :
 A alma dos choupos, como a do Homem, sobe aos Céus
 Ó choupos, até lá... Adeus ! adeus ! adeus !

Foi-se a paysagem triste : agora, são collinas;
 Vê-se curraes, eiras, crianças pequeninas,



Bois a pastar ao longe, aves dizendo missa
 À Natureza, e o Sol a semear Justiça !
 Vão pela estrada aleijadinhos de moletas;
 Atiro-lhes vintens : vêm pegar-lhes as netas.
 Mas o trem vôle a desfilada... — Olá ! arreda !

(Ia-o apanhando : foi por um fio de seda...)
 E assim n'este galope, a charrette rodando,
 Já de Tentugal se vaca quazi approximando;
 S. João do Campo já nos fica muito atraç...
 Assim, *Malhado!* puxa ! Bravo, meu rapaz !
 Que estamos quazi lá ! mexe-me essas ancas !
 Emfim !

Tentugal toda a tir de caças brancas !
 A boa aldeia ! Venho cá todos os mezes
 E contrariado vou de todas essas vezes.
 Venho ao convento vizitar a linda freira,
 Nunca lhe fallo : talvez, hoje, a vez primeira...
 Vou lá comprar um pastellinho, que eu bem sei
 Que elle trará dentro um bilhete, isto sonhei :
 Assim o pastellinho, ó ventura sonhada !
 Tem de recheio o coração da minha Amada.
 Abro o enveloppe ideal. Vamos a ver... — Traz? — Não !

Regresso a Coimbra só com o meu coração.

Coimbra, 1888-1889-1890.





Saudade

Saudade, saudade ! palavra tão triste,
E ouvil-a faz bem :
Meu caro Garrett, tu bem na sentiste,
Melhor que ninguem !

Saudades da virgem de ao pé do Mondego,
Saudades de tudo :
Ouvil-as caindo da bocca d'um Cego,
Dos olhos d'um Mudo !

Saudades d'Aquella que, cheia de linhas,
De agulha e dedal,
Eu vejo bordando Galeões e andorinhas
No seu enxoval.

Saudades ! e canta, na Torre deu a hora
Da sua novena :
Olhae-a ! dá ares de Nossa Senhora,
Quando era pequena.

Saudades, saudades ! E ouvide que canta
(E sempre a bordar)
Que linda ! « Quem canta seus males espanta
E eu vou-me a cantar... »

« Virgilio é estudante, levou-o o seu fado
A terras de França !
Mais leve que espuma, não tenho peccado,
Que o diga a balança.

• Separami-me d'elle cem rios, cem pontes,
 Mas isso que faz?
 Atraz d'esses montes, ainda ha outros montes,
 E ainda outros, atraz !

• Não tarda que volte por montes e praias,
 Formado que esteja;
 E iremos juntinhos, ah tente, não caias !
 Cazar-nos á Igreja.

• Virgilio é um anjo, não tem um defeito,
 É altinho como eu;
 Os labios com labios, o peito com peito...
 Ah, Virgem do Céu !

• O amor, ai que enigma ! consolo no Tedio,
 Estrella do Norte !
 O Amor é doença, que tem por remedio
 Um beijo, ou a Morte.

• A's vezes, eu quero dizer-lhe que o amo,
 Mas, vou-lh'o a dizer,
 Irene não falla (Irene me chamo)
 E fica a tremer...

• Quando ia ao postigo fallar-lhe, tão cedo,
 (Tu, Lua, bem viste)
 Ai que olhos aquelles ! mettiam-me medo...
 E sempre tão triste !

• Perfil de Thereza, velado na capa,
 Lá passa por mim :
 O noites da Estrada, tardinhas da Lapa,
 Choupal e Jardim !

• Cabellos caidos, a cara de cera,
 Os olhos ao fundo !
 E a voz de Virgilio, docinha que ella era,
 Não é d'este Mundo !

• Saudades, saudades ! Que valem as rezas,
 Que serve pedir !
 No altar continuam as velas accezas,
 Mas elle sem vir !

• Já choupos nasceram, já choupos cresceram,
 Estou tão crescida !
 Já choupos morreram, já outros nasceram...
 Como é curta a Vida !

• O rio de amores, que vens da *Portella*
 P'r'o mar do Senhor,
 Ah vê se na costa se avista uma vela,
 Se vem o Vapor...

• Meu S^{ta} Mondego, que vôas e corres,
 Não tenhas vagares !
 Mondego dos Choupos, Mondego das *Torres*,
 Mondego dos Mares !

• Mas ai ! o Mondego (Senhora da Graça,
 Sou tão infeliz !)
 Já foi e já volta, lá passa que passa,
 E nada me diz... »

Paris, 1894.





Viagens na Minha Terra

Às vezes, passo horas inteiras
Olhos fitos n'estas brazeiras,
Sonhando o tempo que lá vae;
E jornadeio em phantazia
Essas jornadas que eu fazia
Ao velho Douro, mais meu Pae.

Que pittoresca era a jornada !
Logo, ao subir da madrugada,
Promptos os dois para partir :
— Adeus ! adeus ! é curta a auzencia,
Adeus ! — rodava a diligencia
Com campainhas a tinir !

E, dia e noite, aurora a aurora,
Por essa doida terra sóra,
Cheia de Cór, de Luz, de Soin,
Habituado á minha alcova
Em tudo eu via coiza nova,
Que bom era, meu Deus ! que bom

Moinhos ao vento ! Eiras ! Solares !
Antepassados ! Rios ! Luares !
Tudo isso eu guardo, *aqui* ficou :
Ó payzagem etherea e doce,
Depois do Ventre que me trouxe
A ti devo eu tudo que sou !

No aranjo oscilante do Fio,
Amavam (era o mez do ciò)
Lavandiscas e tentilhões...

Agoas do rio vão passando
 Muito mansinhas, mas, chegando
 Ao Mar, transformam-se em leões !

Ao Sol, fulgura o Oiro dos milhos !
 Os lavradores mail-os filhos
 A terra estrumam, e depois
 Os bois atrelam ao arado
 E ouve-se além no descampado
 N'um impeto, aos berros : — Eh ! bois !

E, enquanto a velha mala-posta,
 A custo vae subindo a encosta
 Em mira ao lar dos meus Avós,
 Os aldeões, de longe, álera,
 Olham pasmados, bocca aberta...
 A gente segue e deixa-os sós.

Que pena faz ver os que ficam !
 Pobres, humildes, não implicam,
 Tiram com respeito o chapéu :
 Outros, passando a nosso lado,
 Diziam : « Deus seja louvado ! »
 « Louvado seja ! » dizia eu.

E, meiga, tombava a tardinha...
 No chão, jogando a vermelhinha,
 Outros vejo a discutir.
 Carpiam, mysticas, as fontes...
 Agoa fria de Traz-os-Montes
 Que faz sede só de se ouvir !

E, na subida de *Novellas*,
 O rubro e gordo Cabanellas
 Dava-me as guias para a mão :
 Isso... queriam os cavallos !
 Que eu não podia chicoteal-os...
 Era uma dôr de coração.

Depois, cançados da viagem,
Repoizavamos na estalagem
(Que era em *Cazares*, mesmo ao dobrar...)
Vinha a S^r Anna das Dores
« Que hão-de querer os meus Senhores?
Ha pão e carne para assar... »

Oh ! ingenuas mezas, honradas !
Toalhas brancas, marnieladas,
Vinho virgem no copo a rir...
O *cucu* da sala, cantando...
(Mas o *Cabanellas*, entrando,
Vendo a hora : « É precizo partir »).

Caia a noite. Eu ia fóra,
Vendo uma estrella que lá mora,
No Firmamento portuguez :
E ella traçava-me o meu fado
« Serás Poeta e desgraçado ! »
Assim se disse, assim se fez.

Meu pobre Infante, em que scismavas,
Porque é que os olhos profundavas
No Céu sem par do teu Paiz?
Ias, talvez, moço troveiro,
A scismar n'um amor primeiro :
Por primeiro, logo infeliz...

E o carro ia aos solovancos.
Os passageiros, todos brancos,
Resonavam nos seus gabões :
E eu ia álera, olhando a estrada,
Que em certo sitio, na *Trovoadas*,
Costumavam sair ladrões.

Ladores ! Ó sonho ! Ó maravilha !
Fazer parte d'uma quadrilha,
Rondar, á Lua, entre pinhaes !

Ser Capitão ! trazer pistolas,
Mas não roubando, — dando esmolas
Dependuradas dos punhaes...

E a mala-posta ia indo, ia indo.
O luar, cada vez mais lindo,
Caia em lagrymas, — e, emfim,
Tão pontual, ás onze e meia,
Entrava, soberba, na aldeia
Cheia de guizos, tlim, tlim, tlim !

Lá vejo ainda a nossa Caza
Toda de lume, cõr de braza,
Altiva, entre arvores, tão só !
Lá se abrem os portões gradeados,
Lá vêm com velas os criados,
Lá vem, sorrindo, a minha Avó.

E então, Jezus ! quantos abraços !
— Qu'é dos teus olhos, dos teus braços,
Valha-me Deus ! como elle vem !
E admirada, com as mãos juntas,
Toda me enchia de perguntas,
Como se eu viesse de Bethlem !

— E os teus estudos, tens-me andado ?
Tomara eu ver-te formado !
Livre de Coimbra, minha flór !
Mas vens tão magro, tão sumido...
Trazes tu no peito escondido,
E que eu não saiba, algum amor ?

No entanto entrava no meu quarto :
Tudo tão bom, tudo tão farto !
Que leito aquelle ! e a agoa, Jezus !
E os lençoes ! rico cheiro a linho !
— Vá, dorme, que vens cançadinho.
Não adormeças com a luz !

E eu deitava-me, mudo e triste.
(— Reza tambem o Terço, ouviste?)
Versos, bailando dentro em mim...
Não tinha tempo de ir na sala,
De novo : — Apaga a luz ! — Que rala !
Descança, minha Avó, que sim !

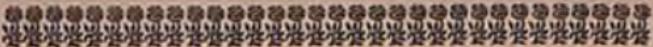
Ora, ás occultas, eu trazia
No seio, um livro e lia, lia,
Garrett da minha paixão...
D'ahi a pouco a mesma reza :
— Não vás dormir de luz acceza,
Apaga a luz !... (E eu ainda... não !) *

E continuava, lendo, lendo...
O dia vinha já rompendo
De novo : — Já dormes, diz ?
— Bff !... e dormia com a ideia
N'aquella tia Dorotheia,
De que fala Julio Diniz.

Ó Portugal da minha infancia,
Não sei que é, amo-te a distancia,
Amo-te mais, quando estou só...
Qual de vós não teve na Vida
Uma jornada parecida,
Ou assim, como eu, uma Avó ?

Paris, 1892.





Os Figos Pretos



— Verdes figueiras soluçantes nos caminhos !
Vós sois odiadas desde os seculos avós :
Em vossos galhos nunca as aves fazem ninhos,
Os Noivos fogem de se amar ao pé de vós !

— O' verdes figueiras, ó verdes figueiras,
Deixa-e-o falar !
A' vossa sombrinha, nas tardes figueiras,
Que bom que é amar !

— O mundo odeia-vos. Ninguem vos quer, vos ama :
Os paes transmitem pelo sangue esse odio aos moços.
No sitio onde medraes, ha quasi sempre lama
E debruçaes-vos sobre abyssmos, sobre poços.

— Quando eu for defunta para os esqueletos
Ponde uma ao meu lado :
A' ristinha, chorando, dará figos pretos...
De luto pezado !

— Os aldeões para evitar vosso perfume
Sua respiração suspendem, ao passar...
Com vossa lenha não se accende, á noite, o lume,
Os carpinteiros não vos querem aplinar.

— Oh ! cheiro de figos, melhor que o do incenso
Que incensa o Senhor !
Podesse eu, quem dera ! deitá-lo no lenço
Para o meu amor...

— As outras arvores não são vossas amigas...
Mãos espalmindas, estendidas, supplicantes,

Com essas folhas, sois como velhas mendigas
N'uma estrada, pedindo esmola nos caminhantes !

— Mendigas de estrada ! mendigas de estrada !
E cheias de figos !
Os ricos lá passam e não vos dão nada,
Vós daes aos mendigos...

— Ai de ti ! ai de ti ! á figureiral gemente !
O goivo é mais feliz, todo amarelo, lá.
Ninguem te quer : tua madeira é unicamente
Utilizada para as forcas, onde as ha...

— Que más criaturas ! que injustas sois todas !
Que injustas que sois !
Será de figura meu leito de bodas...
E os berços, depois.

— Trágicas, nuas, esqueleticas, sem pelle,
Por traz de vós, a Lua é bem uma caveira !...
Ó figos pretos, sois as lagrymas d'aquelle
Que, em certo dia, se enfocou n'uma figureira !

— Tambem era negro, de negro cegava
O pranto, o rozario,
Que, em certa tardinha, desflava, desflava,
Alguem, no Calvario...

— E, assim, ao ver no Outono uma figureira nua,
Se os figos caem de maduros, pelo chão :
Cuido que é a ossada do Traidor, á luz da Lua,
A chorar, a chorar sua alta traição !

— O' minhas figureiras, o' minhas figureiras,
Deixe-o falar !
Oh ! vinde de lá ver-nos, a arder nas fogueiras
Cantar e bailar...

Coimbra, 1889.





Os sinos

I

Os sinos tocam a noivado,
No Ar lavado!
Os sinos tocam, no Ar lavado,
A noivado!

Que linda menina que assoma na rua!
Que linda, a andar!
Em extasi, o Povo commenta « que é a Lua,
Que vem a andar... »

Tambem, algum dia, o Povo na rua,
Quando eu cazar,
Ao ver minha Noiva, dirá « que é a Lua
Que vae cazar... »

2

E o sino toca a baptizado
Um outro fado!
E o sino toca um outro fado
A baptizado!

E banham o anjinho na agoa de neve,
Para o lavar,
E banham o anjinho na agoa de neve,
Para o sujar.



Ó boa Madrinha, que o enxugas de leve,
Tem dó d'esses gritos! comprehende esses ais :
Antes o enxugue a *Velha!* antes Deus t'o leve!
Não soffre mais...

3

Os sinos dobram por anjinho,
Lá no Minho!
Os sinos dobram, lá no Minho,
Por anjinho!

Que aceiada que vae p'r'a cova!
Olhae ! olhae !
Sapatinhos de sola nova,
Olhae ! olhae !

Ó ricos sapatos de solinha nova,
Bailae ! bailae !
Nas eiras que rodam debaixo da cova...
Bailae ! bailae !

4

O sino toca p'r'a novena,
Gratiæ plena,
E o sino toca, *gratiæ plena,*
P'r'a novena.



Ide, Meninas, á ladainha,
 Ide rezar !
Pensae nas almas como a minha...
 Ide rezar !



Se, um dia, me deres alguma filhinha,
 Ó Mãe dos Afflictos ! ella ha-de ir, tambem :
Ha-de ir ás novenas, assim, á tardinha,
 Com sua Mãe...

E o sino chama ao Senhor-fóra,
 A esta hora !
Os sinos clamam, a esta hora,
 Ao Senhor-fóra



Accendei, Vizinhos, as velas,
 Allumiae !
Velas de cera nas janellas !
 Allumiae

E Luas e Estrellas tambem põem velas,
 A allumiar !
E a alminha, a esta hora, já está entre ellas,
 A allumiar...

E os sinos dobram a defuntos,
 Todos juntos !
E os sinos dobram, todos juntos,
 A defuntos !



Que triste ver amortalhados !

Senhor ! Senhor !

Que triste ver olhos fechados !

Senhor ! Senhor !

Que pena me fazem os amortalhados,

Vestidos de preto, deitados de costas...

E de olhos fechados ! e de olhos fechados !

E de mãos postas !

E os sinos dobram a defuntos,

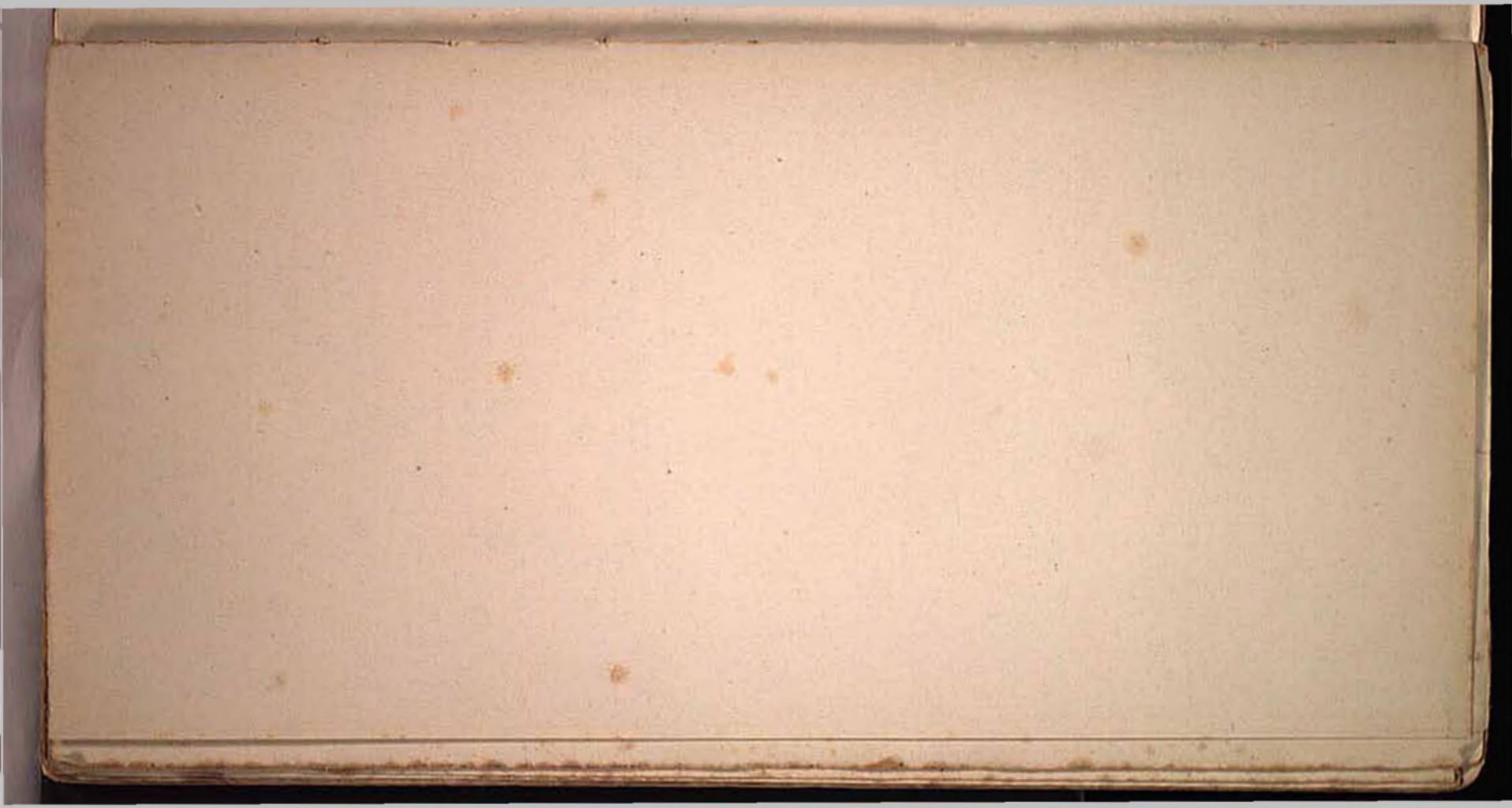
Dlin ! dlang ! dling ! dlong !

E os sinos dobram, todos juntos,

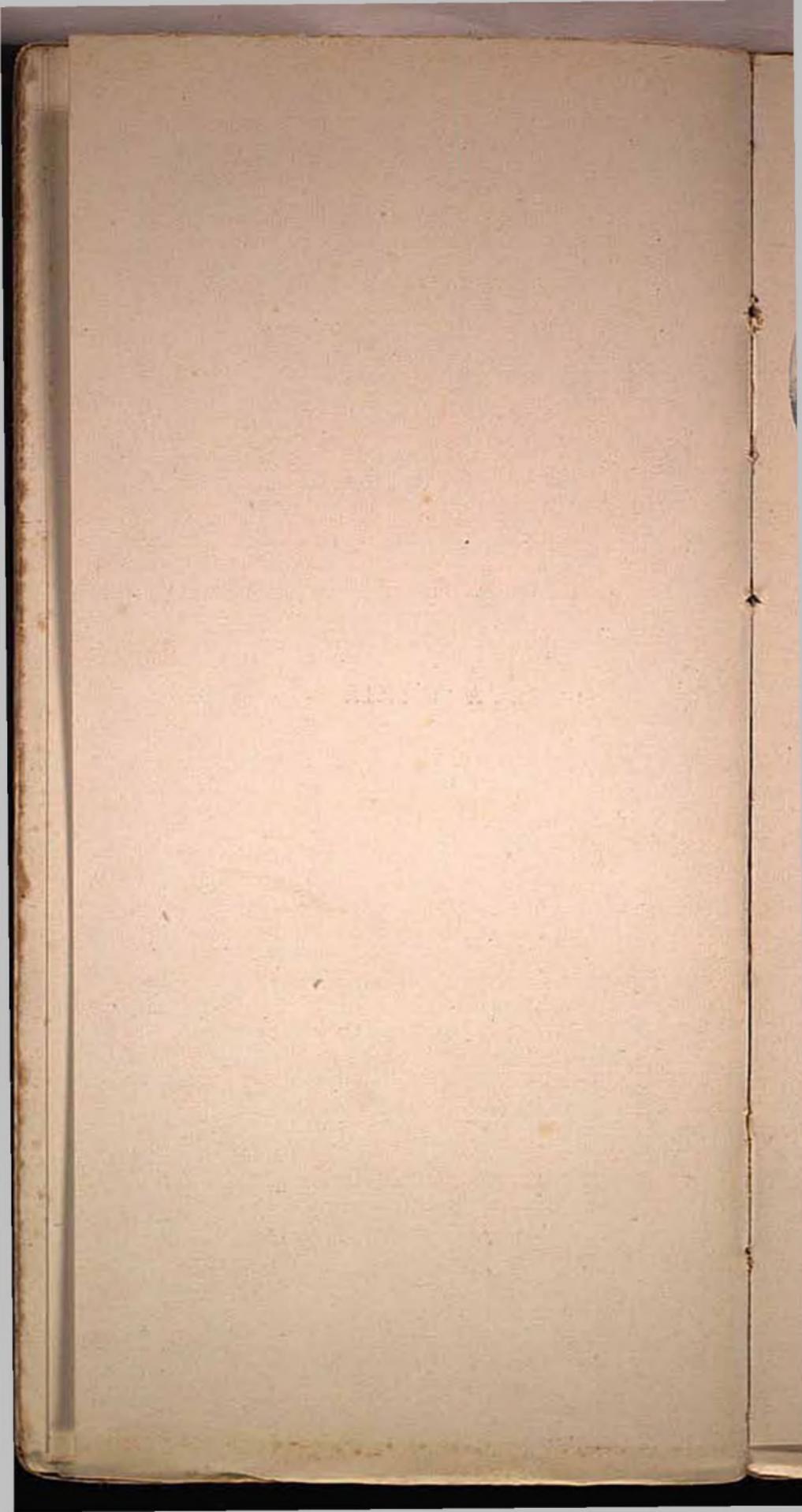
Dlong ! dlin ! dling ! dlong !

Paris, 1891.





LUA CHEIA





Da Influencia da Lua

Ooutono. O Sol, qual brigue em chamas, morre
Nos longes d'agoa... Ó tardes de novena !
Tardes de sonho em que a poezia escorre
E os bardos, a scismar, molham a pena !

Ao longe, os rios de agoas prateadas
Por entre os verdes cannavaes, esguios,
São como estradas liquidas, e as estradas,
Ao luar, parecem verdadeiros rios !

Os choupos nus, tremendo, arripiadinhos,
O chale pedem a quem vae passando...
E nos seus leitos nupciaes, os ninhos,
As lavandiscas noivam piando, piando !

O orvalho cae do Céu, como um unguento.
 Abrem as bôcas, aparando-o, os goivos;
 E a laranjeira, aos repelões do Vento,
 Deixa cair por terra a flôr dos noivos.

E o orvalho cae... E, á falta d'agoa, rega
 O val sem fructo, a terra arida e nua !
 E o Padre-Oceano, lá de longe, prega
 O seu Sermão de Lagrymas, á Lua !

A Lua ! Ella não tarda ahi, espera !
 O magico poder que ella possue !
 Sobre as sementes, sobre o Oceano impera,
 Sobre as mulheres gravidas influe...

Ai os meus nervos, quando a Lun é cheia !
 Da Arte novas concepções descubro,
 Todo me afflijo, fazem lá ideia !
 Ai a ascençao da Lua, pelo Outubro !

Tardes de Outubro ! ó tardes de novena !
 Outomno ! Mez de Maio, na lareira !
 Tardes...

Lá vem a Lua, *gratiae-plena*,
 Do convento dos Céus, a eterna freira !

Porto, 1886.





D. Enguiço

O bom Amigo que vou cantando,
Neto de Sanctos, irmão de Afflictos,
Nasceu chorando, nasceu gritando,
Nasceu aos gritos! nasceu aos gritos!

Já presentia, menino estranho,
O que no Mundo cá o esperava,
E assim pedia, n'um dó tamanho,
Não no tirassem lá d'onde estava.

Mas a parteira pouco se importa :
— Oh que rabugem! Ai Credo! Cruzes!
Esta eu vos juro que não vemi morta...
(No altar da Virgem ardem as luzes)

E foi crescendo. Mas como via
Quanto era inutil a sua queixa,
Ai caiu n'essa melancolia,
Que não o deixa, que não o deixa!

O Amor precoce feriu-lhe o peito.
Que paixão doida não era a sua!
— Se a vir, dizia, no Mar me deito
E até promessas fazia á Lua...

Mais tarde, em Coimbra, n'alguma ceia
Com mais rapazes, no Zé Magrinho,
Diante d'um copo, d'uma lampreia,
Só debicava, cheirava o vinho.

Não tinha sede, não tinha fome,
Nunca dormia, sempre em vigilia;
Ele é o herdeiro d'um grande nome,
Assim são todos n'essa familia.

Ia ás batotas (que mal faz isso?)
Ver seus amigos se lá estavam,
E, mal no viam : « Lá vem o enguiço ! »
E era verdade, — que não ganhavam...

Um dia, em Maio, no mez das flores,
Chamou-o a Patria p'ra tel-o ao lado :
Vieram vel-o cinco Douctores,
Não no quizeram para soldado !

Farto de dòres com que o matavam,
Foi em viagens por esse Mundo :
Mas os comboyos descarrilavan,
Mas os paquetes iam ao fundo !

Saia a salvo n'alguma lancha,
Que uma onda amiga trazia á praia :
Podem proval-o o canal da Mancha
E o Sr. Golpho de la Byscaia...

Nos seus exames, ou n'uni concurso,
Maior que todos, e era vencido !
Assim, tornou-se bizonho e ursa,
Tinha delírio de perseguido.

Ha, por exemplo, querem ouvil-a?
Uma anedocta, que é engracadissima :
Todos os homens de aldeia, ou villa,
Querem matal-o, Virgem Sanctissima !

Mas, como é inutil toda a armadilha
Pelos cuidados que sempre toma,
Vêm, alta noite, na agoa da bilha
Deitar veneno, tal como em Roma.

Que faz, portanto? Pobre pequeno!
Pega em trez peixes, deita-os no centro,
E diz, se bebe : « Não tem veneno,
Porque os peixinhos nadam lá dentro... »

Ingenuidades encantadoras!
Tão bom, tão simples e d'elle rio...
Serieis capazes, minhas Senhoras,
De amar um homem d'este feitio?

Tem graça sempre, tem imprevisto :
Anda elle agora, na Terra-Sancta,
P'ra achar os ossos de Jezus-Christo...
Vêde-o, bons Sabios! tirando a planta.

Olá, Senhoras, que ides na frota,
Que ides ás Azias, enquanto eu fico,
— Bon viagem!... e tomae nota,
Dac lá saudades ao Compatriota...
Meu pobre Chico! meu pobre Chico!

Paris, 1893.





O Meu Cachimbo

Ó meu cachimbo ! Amo-te immenso !
Tu, meu thuribulo sagrado !
Com que, Sr. Abbade, incenso
A Abbadia do meu passado.

Fumo ? E occorre-me á lembrança
Todo esse tempo que lá vae,
Quando fumava, ainda criança,
Ás escondidas do meu Pae.

Vejo passar a minha vida,
Como n'um grande cosmorama :
Homem feito, pallida Ermida,
Infante, pela mão da ama.

Por alta noite, ás horas mortas,
Quando não se ouve pio, ou voz,
Fecho os meus livros, fecho as portas
Para fallar comtigo a sós.

E a noite perde-se em cavaco,
Na Torre d'Anto, aonde eu moro !
Alli, mettido no buraco,
Fumo e, a fumar, ás vezes... choro.

Chorando (penso e não o digo)
Os olhos fitos n'este chão,
Que tu és leal, és meu amigo...
Os meus Amigos onde estão?

Não sei. Trai-os-á o nevoeiro...
Os tres, os íntimos, *Aquellos*,
Estão na Morte, no estrangeiro...
Dos mais não sei, perdi-me d'elles.

Morreram-me uns. Por esses peço
A Deus, se elle está de maré:
E, ás noites, quando eu adormeço,
Phantasmas, vêm, pé ante pé...

Tristes, nostálgicos da cova,
Entram. Sorrio-lhes e fallo.
Deixam-se estar na minha alcova,
Até se ouvir cantar o gallo.

Outros, por esses cinco Oceanos,
Por esse Mundo erram, talvez:
Não me escreveis, ha tantos annos!
Que será feito de Vocés?

Hoje, delícias do abandono!
Vivo na Paz, vivo no limbo:
Os meus Amigos são o Outono,
O Mar e tu, ó meu Cachimbo!

Ah! quando fór do meu enterro,
Quando partir gelado, em fim,
N'algum caixão de mogno e ferro,
Quero que vás ao pé de mim.

Sancta mulher que me tratares,
Quando em teus braços desfalleça,
Caso meus olhos não cerrares,
Embora! que isto não te esqueça:

Colloca, sob a travesseira,
O meu cachimbo singular
E enche-o, sollicita Enfermeira,
Com *Gold-Fly*, para eu fumar...

Como passar a noite, Amigo !
No *Hotel da Cova* sem conforto?
Assim, levando-te commigo,
Esquecer-me-ei de que estou morto...

Coimbra, 1880.





Ballada do Caixão

O meu vizinho é carpinteiro,
Algibebe de Dona Morte.
Ponteia e coze, o dia inteiro,
Fatos de pau de toda a sorte :
Mogno, debruados de velludo
Plandres gentil, pinho do Norte...

Ora eu que trago um sobretudo
Que já me vae a aborrecer,
Fui-me lá, hontem : (era Entrudo,
Havia immenso que fazer...)

— Olá, bom homem ! quero um fato,
Tem que me sirva? — Vamos ver...
Olhou, mexeu na caza toda.

— Eis aqui um e bem barato.

— Está na moda? — Está na moda.
(Gostei e nem quiz apreçal-o :
Muito justinho, pouca roda...)

— Quando posso mandar buscal-o?

— Ao pór-do-Sol. Vou dal-o a ferro :
(Poz-se o bom homem a aplainal-o...)

Ó meus Amigos ! salvo-erro,
Juro-o pela alma, pelo Céu :
Nenhum de vós, ao meu enterro,
Irá mais dandy, olhae ! do que eu !

Paris, 1891.



Febre Vermelha

Rozas de vinho ! abri o calice avinhado,
Para que em vosso scio o labio meu se atole :
Beber até cair, bebedo, para o lado,
Quero beber, beber até o ultimo gole

Rozas de sangue ! abri o vosso peito, abri-o !
Montanhas alagae ! deixaes-as trasbordar !
As ondas como o Oceano, ou antes como um rio
Levando na corrente Ophelias de luar...

Camelias ! entreabri os labios de Eleonora,
Desabrochae, á Lua, a ancia do vosso calis !
Dá-me o teu genio, dá ! ó tulipa de aurora
E dá-me o teu veneno, ó rubra digitalis !

Papoilas ! descerrae essas boccas vermelhas,
Apague-me este sede estouteadora e cruel :
Ó favos rubros ! os meus labios são abelhas,
E eu ando a construir meu cortiço de mel.

Rainunculos ! corae minhas faces-de-terra !
Que seja sangue o leite e rubins as opalas !
Tal se vêm pelo campo, em seguida a uma guerra,
Tintos da mesma cór os corações e as balas !

Chagas de Christo ! abri as petalas chagadas,
N'uma raiva de cór, n'uma erupção de luz !
Escancarae a bôca, ás vermelhas rizadas,
Canceros de Lazaro ! Feridas de Jezus...

Flôres em braza ! Orgãos da côr ! Tirava
Operas d'ouro, podesse eu, das vossas teclas.
Vulcões de Maio ! ungi minha pelle de lava !
Dae-me energia, audacia, ó pequeninos Heclas !

Dae-me do vosso sangue, ó flôres ! entornae-o
Nas veias do meu corpo estragado e sem côr
Que vida negra ! Foi escripto, á luz do raio,
O triste fado que me deu Nossa Senhor.

Scismo já farto de velar minha alma doente,
Não dura um mez siquer, minhas amigas, vede !
Mas, mal vos vejo, então, pulo alegre e contente
A uivar, como os leões quando os ataca a sede !

Corto o estrellado Céu, vôo atravez do Espaço,
Cruzo o Infinito e vou rolar aos pés de Deus,
Como se accaso fosse, em catapultas de aço,
Por um Titan de bronze atirado a esses Céus !

Amo o Vermelho. Amo-te, ó hostia do Sol-posto !
Fascina-me o escarlate, os meus tédios estanca :
E apezar d'isso, ó cruel hysteria do Gosto,
Miss Charlotte, a flôr que eu amo, é branca, branca...

Leça, 1886.





Poentes de França

— Ó Sol ! ó Sol ! ó Sol ! poente de vinho velho !
Enche meu copo de S. Graal (deu-m'o a ballada...)
Ó sol de Normandia ! Occidente vermelho,
Tal o círculo andaluz depois d'uma toirada !

— Vós sois estrangeiros, vós sois estrangeiros,
O' poentes de França ! não vos amo, não !

— Ó Sol, cautella ! já a noite se avizinha,
O Padre-Oceano vae, em breve, communigar :
Ó hostia vesperal de vermelha farinha,
Que o bom Moleiro móe, no seu moinho do Ar !

O' Sol, ás *Trindades*, aítraz dos pinheiros,
A' hora em que passam branquinhos moleiros
Levando farinha p'm cozer o pão !

— Ó força do Sol-pór ! ó Inferno de Dante !
Açougue d'astros ! ó sabbat de feiticeiras !

— Ó Sol ensanguentado ! ó cabeça-fallante,
Que o funambulo Poente anda a mostrar nas feiras

— Que paz pelo Mundo, n'essa hora ditora !
O' poentes de França ! não vos amo, não !

— Arco da Velha, a tir rizos de sete cores !
Ó Lua na ascenção ! ó Sol ! ó Sol ! ó Sol !
Cabeça de Iskariote, entre aguias e condores !
Ó cabeça de Christo, impressa no lençol !

Que paz pelo Mundo, n'essa hora saudosa..
Quando techá a lojinha a Sra. Rosa,
Quando vem das sachas o Sr. Jodo...

— Ó Sol ! ó Sol ! Titan d'este bloco da Terra !
Ó Sol em sangue que ainda pula e arde e scintilla !
Ó bala de cauhão, tu veus d'alguma guerra :
Varaste os corações d'um exercito em fila !

— O' hora em que as agotas rebentam das minas..
O' poentes de França ! não vos amo, não !

— Ó poente verde-mar ! ó pór-do-Sol de azeite !
Ó longes de trovoada ! ó Céu dos ventos sues !
Vacca do Ar, a mugir crepusculos de leite
E roxos e cardeaes e amarellos e azues !

O' hora em que passam moças e meninas
Que, em tardes de Maio, vão ás Ursulinas,
Com rozas nos scios e um livro na mão !

— Ó Sol ! ó Sol ! Tragico, afficto, doido, venho
Á tua saude erguer a minha taça ardente !
Meus grandes olhos são dois bebedos, e tenho
Delirium-tremens já, Sir Falstaff do Poente !

— Eu amo os poentes, mas sem agonias,
O' poentes de França ! não vos amo, não !

— Adeus, ó Sol! chegou a Noite na fragata,
Á tua porta os Marinheiros vão bater :
Lá vejo os astros por seus calices de prata,
Na *Taverna do Occaso*, a beber, a beber...

O' céus physiscos, cuspindo em bacias !
O' céus como escarros, ás *Ave-Marias* !
O' poentes de França ! não vos amo, não

Paris, 1801.





Á Toa

O PRIMEIRO HOMEM

Que grande é o Mundo ! E eu só ! Que tortura tamanha !
Ninguem ! Meu pae é o Céu. Minha mãe é a Montanha

A MONTANHA

Os meus cabellos são os pinheiraes sombrios
E veias do meu corpo os azulados Rios.

OS RIOS

Nós somos o suor que o Estio asperge e sua,
Nós somos, em Janeiro, a agoa-benta da Lua !

A LUA

Eu sou a bala, no Ar detida, d'essa guerra
Que teve contra Deus, em seu principio, a Terra...

A TERRA

E eu uma das maçãs, entre outras a primeira,
Que certa Virgem viu cair d'uma macieira !

A MACIEIRA

Tantas ainda por cair ! Vinde colhel-as,
Abanae a macieira e cairão estrellas !

AS ESTRELLAS

No Mar, á noite, reflectimo-nos, a olhar,
E formamos, assim, as *Estrellas-do-mar...*

O MAR

Sou padre. São d'agoa meus Santos-Evangelhos :
Accendei meu altar, relampagos vermelhos !

OS RELAMPAGOS

Nós somos (o contrario, embora, seja escripto)
Os fogos-fátuos d'esta cova do Infinito.

O INFINTO

Sou o mar sem borrasca, onde em fin se descansa.
Aqui, vem desagoar o rio da Esperança...

A ESPERANÇA

Morri, irmãos ! mas lá ficaram minhas vestes,
No vosso mundo : dei-as dadas aos ciprestes.

OS CIPRESTES

Para apontar os Céus, como dedos funerços,
Plantaram-nos no pó dos mudos Cemiterios...

OS CEMITERIOS

Porão, beliches, tudo cheio !... Os Céus absortos !
Não cabe em Josaphat esta leva de mortos !

OS MORTOS

Seculos tombam uns sobre outros, como blocos,
E nós dormindo sempre, eternos dorminhocos !

Porto, 1885.



Ao Canto do Lume

Novembro. Só ! Meu Deus, que insupportavel Mundo !
Ninguem, viv' alma... O que farão os mais?
Senhor ! a Vida não é um rapido segundo :
Que longas horas estas horas ! Que profundo
Spleen o d'estas noites immortaes !

Faz tanto frio. (Só de a ver me gela, a cama...)
Que frio ! Olá, Joseph ! deita mais carvão !
E quando todo se extinguir na aurea chamma,
Eu deitarei (para que serve? já não ama)
As cinzas brancas, o meu pobre coração !

Lá fóra o Vento como um gato bufa e mia...
Ó pescadores, vae tão bravo o Mar !
Cautella... Orças ! Largae a escota ! *Ave Maria !*
Cheia de Graça... Horror ! Mortos ! E a agoa tão fria...
Que triste ver os Mortos a nadar !

Spleen ! Que hei-de eu fazer? Dornir, não tenho somno,
Leva-me a carne a Dór, desgasta-me o perfil.
Nada ha peor que este somnambulo abandono !
Ó meus Castellos-em-Hespanha ! Ó meu outomno
D'Alma ! Ó meu cair-das-folhas, em Abril !

A Vida ! Horror ! Ó vós que estaes no ultimo alento !
 Que felizes, sois prestes a partir !
 Ó Morte, quero entrar no teu Recolhimento !...
 Oiço bater. Quem é ? Ninguem : um rato... o Vento...
 Coitado ! é o Georges, týsico, a tossir...

Mez de Novembro ! Mez dos týsicos ! Suando
 Quantos a esta hora, não se estorcem a morrer !
 Vê-se os Padres as mãos, contentes, esfregando...
 Mez em que a cera dá mais e a botica, e quando
 Os carpinteiros têm mais obra p'ra fazer...

Oiço um apito. O trem que se vae... Eugatar-te
 Quem me dera o wagon dos sonhos meus !
 Lá passa, ao longe. Adeus ! Quizera acompanhar-te...
 — Boa viagem ! Feliz de quem vae, de quem parte
 Coitado de quem fica... Adeus ! adeus !

Que illuzão, viajar ! Todo o Planeta é zero.
 Por toda a parte é mau o Homem e bom o Céu.
 — Americas ! Japão ! Indias ! Calvario !... Quero
 Mas é ir á Ilha orar sobre a cova do Anthero
 E a Agueda beber agoa do Botareu...

Vi a Ilha loira, o Mar ! Pizei terras de Hespanha,
 Paizes raros, Neves, Areaes;
 Cantando, ao luar, errei nas ruas da Allemanha.
 Armei na França minha tenda da campanha...
 E tedio, tedio, tedio e nada mais !

Que hei-de eu fazer ? Callae essas canções immundas,
 Cervejarias do Quartier ! Rezae, rezae !
 Payzagem, onde estás ? Ó luar, agoas profundas !
 Ó choupos, á tardinha, altivos, mas corcundas,
 Tal como aspirações irrealizaveis, ai !

Não me tortura mais a Dor. Sou feliz. Creio
 Em Deus, n'uma Outra-vida, além do Ar.
Vendi meus livros, meu Philosopho queimei-o
Agora, trago uma medalha sobre o seio
 Com a qual fallo, ás noites, ao deitar.

(E a chuva cae...) Meu Deus! Que insupportavel Mundo!
Viv'alma! (O Vento geme...) O que farão os mais?
Senhor! a Vida não é um rapido segundo :
Que longas horas estas horas! Que profundo
Spleen mortal o d'estas noites immortaes!

Paris, 1890-1891.

LUA QUARTO-MINGUANTE



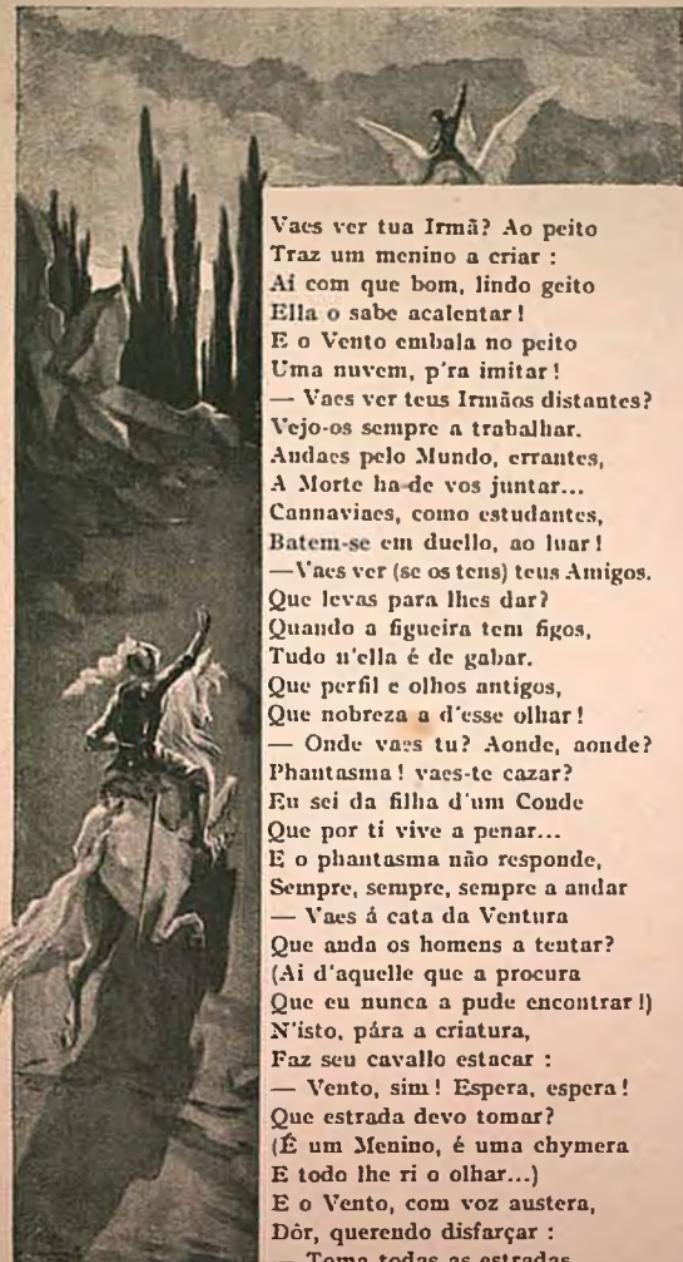
Os Cavalleiros

— Onde vaes tu, cavalleiro,
Pela noite sem luar?
Diz o vento viajeiro,
Ao lado d'elle a ventar.
Não responde o cavalleiro,
Que vae absorto a scisnar.
— Onde vaes tu, torna o Vento
N'esse doido galopar?
Vaes bater a algum convento?
Eu ensino-te a rezar.
E a Lua surge, um momento,
A Lua, convento do Ar.
— Vaes levar uma mensagem,
Dá-ma que eu vou-t'a entregar :
Irás em meia viagem
E eu já de volta hei-de estar.
E o cavalleiro, á passagem,
Faz as arvores vergar.
— Vaes escalar um mosteiro?
Eu ajudo-t'o a escalar :
Não ha no Mundo pedreiro
Que a mim se possa egualar !
Não responde o cavalleiro



E o Vento torna a fallar :
— Dize, dize ! vae p'ra guerra
Monta em mim, vou-te levar :
Não ha cavallo na Terra
Que tenha tão bom andar...
E os trovões rolam na serra
Como vagas a arrolar !
— E as guerras has-de ganhal-as,
Que por ti hei-de velar :
Ponho-me á frente das balas
Para a força lhes tirar !
E as arvores formam alas
Para os guerreiros passar.
— Vae guiar as caravellas
Por sobre as agoas do Mar ?
Guiarei as tuas velas
Á feição hei-de assoprar.
E os astros vém ás janellas
E a Lua vem espreitar...
— Onde vae na galopada,
Á tua infancia, ao teu Lar ?
Conheço a tua pousada :
Já lá teuho ido ficar.
E vae longe a trovoada,
Vae de todo a alliviar.
— Vae ver tua velha Tia,
Na roca de oiro a fiar ?
Loiro linho que ella fia,
Ajudei-lh'o eu a seccar !
E o luar é a Virgem Maria...
Que lindo vae o luar !
— Vae ver a tua Mãezinha ?
Coitada ! vi-a expirar :
Tinha a alma tão levezinha,
Que voou sem eu lhe tocar !...
E o cavalleiro caminha,
Camiuba sem se importar !





Vaes ver tua Irmã? Ao peito
Traz um menino a criar :
Ai com que bom, lindo geito
Ella o sabe acalentar !
E o Vento embala no peito
Uma nuvem, p'ra imitar !
— Vaes ver teus Irmãos distantes?
Vejo-os sempre a trabalhar.
Audas pelo Mundo, errantes,
A Morte ha-de vos juntar...
Cannaviaes, como estudantes,
Batem-se em duello, ao luar !
— Vaes ver (se os tens) teus Amigos.
Que levas para lhes dar?
Quando a figueira tem figos,
Tudo n'ella é de gabar.
Que perfil e olhos antigos,
Que nobreza a d'esse olhar !
— Onde vaes tu? Aonde, aonde?
Phantasma! vaes-te cazar?
Eu sei da filha d'um Conde
Que por ti vive a penar...
E o phantasma não responde,
Sempre, sempre, sempre a andar
— Vaes á cata da Ventura
Que anda os homens a tentar?
(Ai d'aquelle que a procura
Que eu nunca a pude encontrar !)
N'isto, pára a criatura,
Faz seu cavallo estacar :
— Vento, sim! Espera, espera!
Que estrada devo tomar?
(É um Menino, é uma chymera
E todo lhe ri o olhar...)
E o Vento, com voz austera,
Dôr, querendo disfarçar :
— Toma todas as estradas,



Todas, d'Áquem e Além-mar :
Serão inuteis jornadas,
Nunca lá has-de chegar...
Palavras foram facadas
Que é vel-o, todo a sangrar...
E seus cabellos trigueiros
Começam de branquiar,
E olham-se os dois cavalleiros,
Quedam-se ambos a scismar.
Brilha o Oriente entre os pinheiros,
Ouvem-se os gallos cantar.
— Adeus, adeus ! nasce a aurora
Adeus ! vamos trabalhar !
Adeus, adeus ! vou-me embora,
Chamam-me as velas, no Mar.
E o Vento vae por hi fóra,
No seu cavallo, a ventar...

Paris, 1891.



A Vida

Ó grandes olhos outonnaes ! mysticas luzes !
Mais tristes do que o Amor, solemnes como as cruzes
Ó olhos pretos ! olhos pretos ! olhos cón
Da capa d'Hamlet, das gangrenas do Senhor !
Ó olhos negros como Noites, como poços !
Ó fontes de luar, n'um corpo todo ossos !
Ó puros como o Céu ! ó tristes como levas
De degredados !

Ó Quarta-feira de Trevas !

Vossa luz é maior, que a de trez Luas-Cheias
Sois vós que allumiaes os Prezos, nas cadeias,
Ó velas do Perdão ! candeias da Desgraça !
Ó grandes olhos outonnaes, cheios de Graça !
Olhos accezos como altares de novena !
Olhos de genio, aonde o Bardo molha a penna !
Ó carvões que accendeis o lume das velhinhas,
Lume dos que no Mar andam botando as linhas...
Ó pharolim da barra a guiar os Navegantes !
Ó pyrilampos a allumiar os caminhantes,
Mais o que vão na diligencia pela serra !
Ó Extrema-Uncção final dos que se vão da Terra !
Ó janellas de treva, abertas no teu rosto !
Thuribulos de luar ! Luas-Cheias d'Agosto !
Luas d'Estio ! Luas negras de velludo !
Ó Luas negras, cujo luar é tudo, tudo
Quanto ha de branco : véus de noivas, cal
Da ermida, velas do biate, sol de Portugal.
Linho de fiar, leite de nossas Mães, mãos juntas

Que têm erguidas entre cyrios, as defuntas !
 Consoladores dos Afflictos ! Ó olhos, Portas
 Do Céu ! Ó olhos sem bulir como agoas-mortas
 Olhos ophelicos ! Dois soes, que dão sombrinha...
 Que são em preto os *Olhos Verdes de Joanninha*...
 Olhos tranquillos e serenos como pias !
 Olhos Christãos a orar, a orar *Ave Marias*
Cheias de Luz ! Olhos sem par e sem irmãos,
 Aos quaes estendo, toda a hora, as frias mãos !
 Estrellas do Pastor ! Olhos silenciozos,
 E milagrosos, e misericordiozos,
 Com os teus olhos nunca ha noites sem luar,
 Mesmo no inverno, com chuva e a relampejar !
 Olhos negros ! vós sois duas noites fechadas,
 Ó olhos negros ! como o céu das trovoadas...

Mas dize, meu Amor ! ó Dona de olhos taes !
 De que te serve ter uns astros sem egaues ?
 Olha em redor, poiza os teus olhos ! O que vês ?
 O Tedio, o Tedio, oh sobretudo o Tedio ! O mez
 Em que estamos, igual ao mez passado e ao que ha-de
 Vir. Odios, Ambições, faltas de Honra, Vaidade,
 (Quazi todos a têm, isso é o menos) o Orgulho
 Insupportavel tal o meu, e o sol de Julho !
 Jezus ! Jezus ! quantos doentinhos sem botica !
 Quantos lares sem lume e quanta gente rica !
 Quantos Reis em palacio e quanta alma sem ferias !
 Quantas torturas ! Quantas Londres de mizerias !
 Quanta injustiça ! quanta dór ! quantas desgraças !
 Quantos suores sem proveito ! quantas taças
 A trasbordar veneno em espumantes bocas !
 Quantos martyrios, ai ! quantas cabeças loucas,
 No manicomio do Planeta ! E as Orfandades !
 E os vapores no Mar, doidos, ás tempestades !
 E os defuntos, meu Deus ! que o Vento traz á praia !
 E aquella que não sac por ter uzada a saia !
 E os que sossobram entre a vaidade e o dever !
 E os que têm, amanhã, uma letra a vencer !
 Olha essa procissão que passa : um torturado
 De Infinito ! Um rapaz que ama sem ser amado,

E para ser feliz fez todos os esforços...
Olha as insomnias d'uma noite de tremores
Como dez annos de prizão maior-cellular !
Olha esse tysisco a tossir, á beira-mar...
Olha o bebé que teve Torre de coral
De immeusas illuzões, mas que uma aguia, afinal,
Devorou, pois, ao vel-a ao longe, avermelhada
Cuidou, iugenua ! que era carne ensanguentada !
Quantos são, hoje? Horror ! A lembrança das datas...
Olha essas rugas que têm certos diplomatas !
Olha esse olhar que têm os homens da Politica !
Olha um artista a ler, soluçando, uma critica...
Olha esse que não tem talento e o julga ter
E aquelle outro que o tem... mas não sabe escrever !
Olha, acolá, tantos Estupidos, meu Deus !
(Morrendo, diz-se, vão para o Reino dos Céus...)
Olha um filho a espancar o pac que tem cem annos !
Olha um moço a chorar seus cruéis desenganos !
Olha o nome de Deus, cuspido n'um jornal !
Olha aquelle que habita uma Torre de sal,
Muros e andainas feitos, não de ondas coalhadas,
Mas de outras que chorou, de lagrymas salgadas !
Olha um velhinho a carregar com a farinha
E o filho no arraial, jogando a vermelhinha !
Olha, lá vae saindo o paquete *Dom Gil*
Com os nossos irmãos que vão para o Brazil...
Olha, acolá, no caes uma mulher como chora
É o marido, um ladrão, que vae - p'la barra fóra !
Olha esta noiva amortalhada, n'um caixão...

Jezus ! Jezus ! Jezus ! o que hi vae de afflictão !

Ó meu Amor ! é para ver tantos abrolhos,
Ó flor sem elles ! que tu tens tão lindos olhos !
Ah ! foi para isto que te deu leite a tua ama,
Foi para ver, coitada ! essa bola de lama
Que pelo Espaço vae leve como a andorinha,
A Terra !

Ó meu Amor ! antes fosses ceguinha...

Paris, 1891.



Adeus !

POR UMA TEMPESTADE NA COSTA DE INGLATERRA

Adeus ! Eu parto, mas volto, breve,
Á tua caza que deixei lá !
Leva-me o Outomno (não tarda a neve)
Leva-me o Outomno (não tarda a neve)
No meu regresso, que sol fará !

Adeus ! Na auzencia mezes são annos,
Dias são mezes, que ahi são aís :
Ah tu tens soulos, eu tenho enganos,
Eu sou sozinho, tu tens teus Paes.

Adeus ! Nas velas o Vento toca
« Aves » e « Paters » de immensa dor.
Enquanto rezas, fia na roca
Enquanto rezas, fia na roca
O linho branco do nosso amor.

Adeus ! Paquete, que vaes fugido
Com um Poeta lá dentro a orar !
Ai que destino tão parecido,
Andar aos ventos, ó Mar ! ó Mar !

Adeus ! Mar, quero que me respondas,
Agoas tão altas ! dizei, dizei :
Quaes mais salgadas? as vossas ondas
Quaes mais salgadas? as vossas ondas
Ou as que eu choro, que eu chorarei?

Adeus ! (Que é isto? tremo o Paquete !)
 Fiel me seja teu Coração :
 Não que eu fechei-o n'um aloquete
 E a chave é de oiro, trago-a na mão !

Adeus ! O Vento soluça e geme,
 O Mar é negro, mas aí é azul...
 Francez tão moço, que vaes ao leme,
 Francez tão moço, que vaes ao leme,
 Ah se podesses voltar ao Sul !

Adeus ! (Piloto, que nuvens essas
 Façamos juntos o p'lo signal ! -)
 Menina e Moça, nunca me esqueças,
 Que eu tenho os olhos em Portugal !

Adeus ! Um brigue de panno roto
 Vede que passa, faz-nos signaes :
 Tenha piedade, Sr. Piloto,
 Tenha piedade, Sr. Piloto,
 Seja pela alma dos nossos Paes...

Adeus ! - S^t. Jacques -, vae depressinha...
 Meu Anjo, a esta hora, tu que farás?
 O Mar faz medo (Salve-Rainha...)
 E tu, meu Anjo, tão longe estás !

Adeus ! Tão longe, tão longe a terra !
 Longe de tudo, longe de ti !
 A trinta milhas, fica a Inglaterra,
 A trinta milhas, fica a Inglaterra,
 A uma (ou menos) a Morte, alli...

Adeus ! Na hora de me deixares,
 Já presentias o meu porvir :
 « Meu Deus ! » disseste, mostrando os ares...
 Mas era urgente partir ! partir !



Ladainha

Teu coração dentro do meu descanso,
Teu coração, desde que lá entrou :
E tem tão bom dormir essa criança,
Deitou-se, alli caiu, alli ficou.

Dorme, menino ! dorme, dorme, dorme !
O que te importa o que no Mundo vae ?
Ao acordares d'esse sonno enorme
Tu julgarás que se passou n'um ai.

Dorme, criança ! dorme, socegada,
Teus sonmos brancos ainda por abrir :
Depois a Morte não te custa nada,
Porque a ella habituaste-te a dormir...

Dorme, meu Anjo ! (a Noite é tão comprida !)
Que doces sonhos tu não has-de ter !
Assim com o habito de os ter na Vida
Continuarás depois de falecer...

Dorme, meu filho ! cheio de socego,
Esquece-te de tudo e até de mim.
Depois... de olhos fechados, és um cego,
Tu nada vês, meu filho ! e antes assim.

Adeus ! Que estranha Vizão é aquella
 Que vem andando por sobre o Mar ?
 Todos exclamam de mãos para ella :
 « Nossa Senhora ! que vens a andar ! »

Adeus ! A Virgem com um affago,
 Poz manso o Oceano, que assim o quiz :
 O Mar agora parece um lago,
 O Mar agora parece um lago...
 O rio Lima do meu Paiz !

Adeus ! Menina, que estás rezando,
 Desceu a Virgem e já te ouviu :
 Agora, quero ver-te cantando,
 A Sancta Virgem já me acudiu.

Adeus ! Os Ventos são meigas brizas
 E brilha a Lua como um pharol !
 Ponde nas vergas vossas camizas,
 Ponde nas vergas vossas camizas,
 Ó Marinheiros, que a Lua é o Sol !

Adeus ! « St. Jacques » lá entra a barra
 Nossa Senhora vae indo a pé :
 Com seu cabello fez uma amarra,
 Lá vae puxando, que boa ella é !

Adeus ! Eu parto, mas volto, breve,
 Á tua caza que deixei lá !
 Leva-me o Outomno (não tarda a neve)
 Leva-me o Outomno (não tarda a neve)
 No meu regresso que sol fará !

Paris, 1893.





Ladainha

Teu coração dentro do meu descansa,
Teu coração, desde que lá entrou :
E tem tão bom dormir essa criança,
Deitou-se, alli caiu, alli ficou.

Dorme, menino ! dorme, dorme, dorme !
O que te importa o que no Mundo vae ?
Ao acordares d'esse sonno enorme
Tu julgarás que se passou n'um ai.

Dorme, criança ! dorme, socegada,
Teus sonhos brancos ainda por abrir :
Depois a Morte não te custa nada,
Porque a ella habituaste-te a dormir...

Dorme, meu Anjo ! (a Noite é tão comprida !)
Que doces sonhos tu não has-de ter !
Assim com o habito de os ter na Vida
Continuarás depois de falecer...

Dorme, meu filho ! cheio de socego,
Esquece-te de tudo e até de mim.
Depois... de olhos fechados, és um cego,
Tu nada vês, meu filho ! e antes assim.

Dorme os teus sonhos, dorme e não m'os digas,
Dorme, filhinho ! dorme, dorme « ó-ó »...
Dorme, minha alma canta-te cantigas,
Que ella é velhinha como a tua Avó !

Nenhuma ama tem um pequenino
Tão bom, tão meigo; que feliz eu sou !
E tem tão bom dormir esse menino...
Deitou-se, alli caiu, alli ficou.

Paris, 1894.



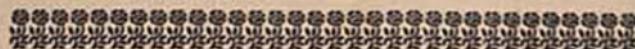


Falla ao Coraçao

Meu Coraçao, não batas, pára!
Meu Coraçao, vae-te deitar!
A nossa dór, bem sei, é amara,
A nossa dór, bem sei, é amara :
Meu Coraçao, vamos sonhar...
Ao Mundo vim, mas engaudo.
Sinto-me farto de viver :
Vi o que elle era, estou massado,
Vi o que elle era, estou massado.
Não batas mais ! vamos morrer...
Bati á porta da Ventura
Ninguem ma abriu, bati em vão :
Vamos a ver se a sepultura,
Vamos a ver se a sepultura
Nos faz o mesmo, Coraçao !
Adeus, Planeta ! adeus, ó Lama !
Que a ambos nós vaes digerir.
Meu Coraçao, a *Velha* chama,
Meu Coraçao, a *Velha* chama :
Basta, por Deus ! vamos dormir...

Coimbra, 1888.





Menino e Moço

Tombou da haste a flôr da minha infancia alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmin :
Voou aos altos Céus a pomba enamorada
Que d'antes estendia as azas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz d'essa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa vizão de luar que vivia encantada,
N'un castello de prata embutido a marfim !

Mas, hoje, as pombas de oiro, aves da minha infancia,
Que me enchiam de Lua o coração, outrora,
Partiram e no Céu evolam-se, a distancia !

Debalde clamo e choro, erguendo aos Céus meus ais :
Voltam na aza do Vento os ais que a alina chora,
Ellas, porém, Senhor ! ellas não voltam mais...

Leça, 1885.





O Somno de João

O João dorme... (Ó Maria,
Dize áquella cotovia
Que falle mais devagar :
Não vá o João, acordar...)

Tem só um palmo de altura
E nem meio de largura :
Para o amigo orangotango
O João seria... um morango !
Podia engolil-o um leão
Quando nasce ! As poucas são
Um poucochinho maiores...
Mas os astros são menores !

O João dorme... Que regalo !
Deixa-l-o dormir, deixa-l-o !
Callae-vos, agoas do moinho !
Ó Mar ! falla mais baixinho...
E tu, Mãe ! e tu, Maria !
Pede áquella cotovia
Que falle mais devagar :
Não vá o João, acordar...

O João dorme, o Innocente !
Dorme, dorme eternamente,

Teu calmo sonno profundo !
Não acordes para o Mundo,
Pode levar-te a maré :
Tu mal sabes o que isto e...

Ó Mãe ! canta-lhe a canção,
Os versos do teu Irmão :
« Na Vida que a Dór povoa,
Ha só uma coisa boa,
Que é dormir, dormir, dormir...
Tudo vae sem se sentir. »

Deixa-o dormir, até ser
Um velhinho... até morrer !

E tu vel-o-ás crescendo
A teu lado (estou-o vendo
João ! que rapaz tão lindo !)
Mas sempre, sempre dormindo...
Depois, um dia virá
Que (dormindo) passará
Do berço, onde agora dorme,
Para outro, grande, enorme
E as pombas que eram maiores
Que João... ficarão menores

Mas para isso, ó Maria !
Dize áquella cotovia
Que falle mais devagar :
Não vá o João, acordar...

E os annos irão passando.
Depois, já velhinho, quando
(Serás velhinha tambem)
Perder a cér que, hoje, tem,
Perder as côres vermelhas
E fôr cheiinho de engelhas,
Morrerá sem o sentir,

Isto é, deixa de dormir :
Acorda e regressa ao seio
De Deus, que é d'onde elle veio...

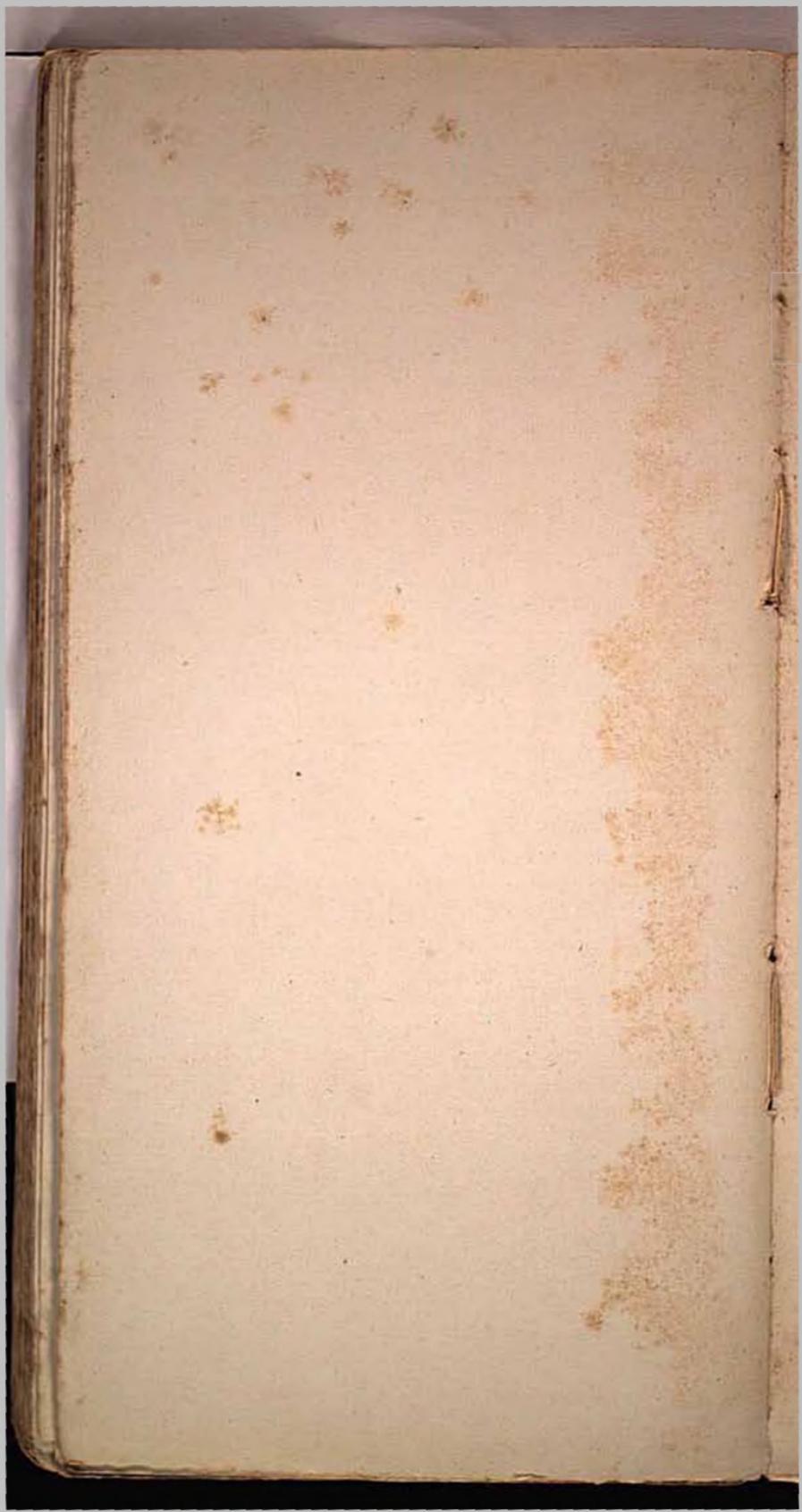
Mas para isso, ó Maria !
Pede áquella cotovia
Que falle mais devagar :

Não vá o João, acordar...

Paris, 1891.



SONETOS





Sonetos

Em horas que lá vão, molhei a pena
Na chaga aberta d'esse corpo amado,
Mas n'uma chaga a suppurar gangrena,
Cheia de puz, de sangue já coalhado !

E depois, com a mão firme e serena,
Compuz este Missal d'um Torturado :
Talvez choreis, talvez vos faça pena...
Chorae ! que immenso tenho eu já chorado.

Abri-o ! Orae com devoção sincera
E, á leitura final d'uma oração,
Vereis cair no solo uma chymera

Moços do meu paiz ! vereis então
O que é esta Vida, o que é que vos espera...
Toda uma Sexta-feira de Paixão !

Coimbra, 1889.

Em certo Reino, á esquina do Planeta,
Onde nasceram meus Avós, meus Paes,
Ha quatro lustres, viu a luz um poeta
Que melhor fôra não a ver jamais.

Mal despontava para a vida inquieta,
Logo ao nascer, mataram-lhe os ideaes,
Á falsa-fé, n'uma traiçõ abjecta,
Como os bandidos nas estradas reaes !

E, embora eu seja descendente, um ramo
D'essa arvore de Heroes que, entre perigos
E guerras, se esforçaram pelo Ideal :

Nada me importas, Paiz ! seja meu Amo
O Carlos ou o Zé da Th'reza... Amigos,
Que desgraça nascer em Portugal !

Coimbra, 1889.

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castello, o que é a phantasia
Todo de lapis-lazzuli e coral !

N'aquellas redondezas, não havia
Quem se gabasse d'um dominio equal
Oh Castello tão alto ! parecia
O territorio d'um Senhor-feudal !

Um dia (não sei quando, nem sei d'onde)
Um vento secco de mau sestro e spleen
Deitou por terra, ao pó que tudo esconde,

O meu condado, o meu condado, sim !
Porque eu já fui um poderoso Conde,
N'aquella idade em que se é conde assim...

Porto, 1887.



4

Ó Virgens que passaes, ao Sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar !
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantae-me, n'essa voz omnipotente,
O sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formozura, o luar !

Cantae ! cantae as limpidas cantigas !
Das ruinas do meu Lar desaterrae
Todas aquellas illuzões antigas

Que eu vi morrer n'um sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me n'essa voz... Cantae !

Porto, 1886.

Iamos sós pela floresta amiga,
Sob o incenso da Lua que se evola,
Olhos nos Céus, modesta rapariga !
Como as crianças ao sair da escola.

Em teus olhos já meigos de fadiga,
Semi-cerrados como o olhar da rola,
Eu ia lendo essa ballada antiga
D'uns noivos mortos ao cingir da estola...

A Lua-a-Branca, que é tua Avozinha,
Cobria com os seus os teus cabellos
E dava-te um aspecto de velhinha !

Que linda eras, o luar que o diga !
E eu compondo estes versos, tu a lel-os,
E ambos scismando na floresta amiga...

Porto, 1884.

Os meus peccados, Anjo ! os meus peccados !
 Contar-t'os para quê, se não têm fim ?
 Sou sancto ao pé dos outros desgraçados,
 Mas tu és mais que sancta ao pé de mim.

A ti accendo cyrios perfumados,
 Faço novenas, queimo-te alecrim,
 Quando soffro, me vejo com cuidados...
 Nas tuas rezas, lembra-te de mim !

Que eu seja puro d'alma e pensamento !
 E que, em dia do grande Julgamento,
 Minhas culpas não sejam de maior :

Pois tenho (que o Céu tudo aponta e marca)
 Um processo a correr n'essa comarca,
 Cujo delegado é Nossa Senhor...

Hamburgo, 1891.

Meus dias de rapaz, de adolescente,
Abrem a bôea a bocejar sombrios :
Deslizam vagarozos, como os Rios,
Sucedem-se uns aos outros, igualmente.

Nunca desperto de manhã, contente;
Pallido sempre com os labios frios,
Oro, desfiando os meus rozarios pios...
Fôra melhor dormir, eternamente !

Mas não ter eu aspirações vivazes,
E não ter, como têm os mais rapazes,
Olhos boiando em sol, labio vermelho !

Quero viver, eu sinto-o, mas não posso :
E não sei, sendo assim enquanto moço,
O que serei, então, depois de velho.

Bellos-Ares, 1889.



8

Poveirinhos ! meus velhos Pescadores !
Na Agoa quizera com Vocês morar :
Trazer o grande gorro de tres cores,
Mestre da lancha *Deixem-nos passar !*

Far-me-ia outro, que os vossos interiores,
De ha tantos tempos, devem já estar
Calafetados pelo breu das Dores,
Como esses pougos em que andaes no Mar !

Ó meu Pae, não ser eu dos poveirinhos !
Não seres tu, para eu o ser, poveiro,
Mail-Irmão do « Senhor de Mattozinhos ! »

No alto mar, ás trovoadas, entre gritos,
Promettermos, si o barco fôr íntieiro,
Nossa bela á Sinhora dos Afflictos !

Leça, 1889.

Quando vem Junho e deixo esta cidade,
Batina, *Caes*, tuberculozos Céus,
Vou para o Seixo, para a minha herdade :
Adeus, cavaco e luar ! choupos, adeus !

Tomo o regimen do Sr. Abbade,
E faço as pazes, elle o quer, com Deus.
No seu direito olhar vejo a bondade,
E ás capellinhas vou ver os Judeus.

Que homem sem par ! Ignora o que são dores !
Para elle uma ramiada é o pallio verde,
Os cachos d'uvas são as suas flores !

Ao seu passal chama elle o Mundo todo...
Sr. Abbade ! olhe que nada perde :
Viva na Paz, ahi, longe do lodo.

Coimbra, 1890.

Longe de ti, na cella do meu quarto,
Meu copo cheio de agoirentas fezes,
Sinto que rezas do Outro-mundo, harto,
Pelo teu filho. Minha Mãe, não rezes !

Para fallar, assim, vê tu ! já farto,
Para me ouvires blasphemar, ás vezes,
Soffres por mim as dores crueis do parto
E trazes-me no ventre nove mezes !

Nunca me houvesses dado á luz, Senhora !
Nunca eu māmasse o leite aureolado
Que me fez homem, magica bebida !

Fôra melhor não ter nascido, fôra,
Do que andar, como eu ando, degredado
Por esta Costa d'Africa da Vida.

Coimbra, 1889.



11

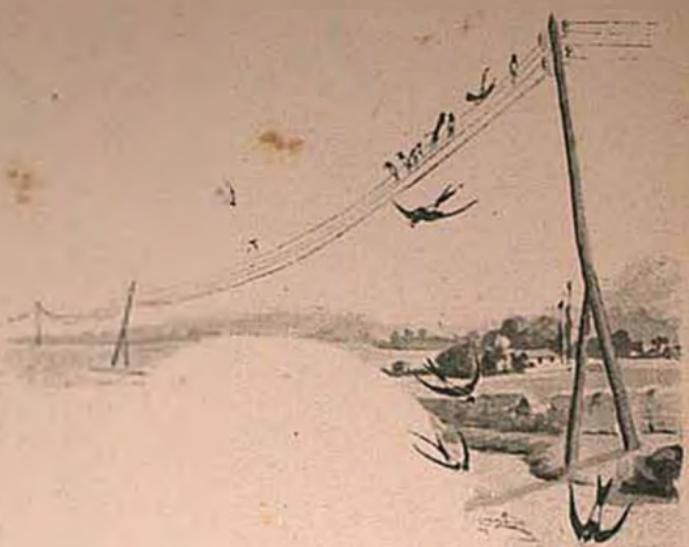
Altos pinheiros septuagearios
E ainda empertigados sobre a serra !
Sois os Enviados-extraordinarios,
E embaixadores d'El-Rey Pan, na Terra.

À noite, sob aquelles lampadarios,
Conferenciaes com elle... Ha paz? Ha guerra?
E tomam notas vossos secretarios,
Que o *Livro Verde* secular encerra.

Hirtos e altos, Tayllerands dos montes !
Tendes e linha, não vergaes as frontes
Na exigencia da Corte, ou beija-mão !

Voltaes aos Homens com desdem a face...
Ai oxalá ! que Pan me despachasse
Addido á vossa estranha Legação !

Coimbra, 1888.



12

Não repararam nunca? Pela aldeia,
Nos fios telegraphicos da estrada,
Cantam as aves, desde que o Sol nada,
E, á noite, se faz sol a Lua cheia.

No entanto, pelo arame que as tenta,
Quanta tortura vae, n'uma ancia alada
O Ministro que joga uma cartada,
Alma que, ás vezes, d'Além-Mar anceia :

— Revolução! — Inutil. — Cem feridos,
Setenta mortos. — Beijo-te! — Perdidos!
— Emfim, feliz! — ? — ! — Desesperado. — Vem

E as boas aves, bem se importam elas!
Continuam cantando, tagarellas:
Assim, Antonio! deves ser tambem.

Colonia, 1891.

Falhei na Vida. Zut ! Ideaes caidos !
Torres por terra ! As arvores sem raios !
Ó meus Amigos ! todos nós falhamos.....
Nada nos resta. Somos uns perdidos.

Choremos, abracemo-nos, unidos !
Que fazer ? Porque não nos suicidamos ?
Jezus ! Jezus ! Rezignação... Formamos
No Mundo, o Claustro-pleno dos Vencidos.

Troquemos o burel por esta capa !
Ao longe, os sinos mysticos da Trappa
Clamam por nós, convidam-nos a entrar :

Vamos semear o pão, podar as uvas,
Pegae na enxada, descalçae as luvas,
Tendes bom corpo, Irmãos ! Vamos cavar !

Coimbra, 1889.

Vou sobre o Oceano (o luar de lindo enleva !)
 Por este mar de Glória, em plena paz.
 Terras de Patria somem-se na treva,
 Agoas de Portugal ficam, atraç.

Onde vou eu? Meu fado onde me leva?
 Antonio, onde vaes tu, doido rapaz?
 Não sei. Mas o Vapor, quando se eleva,
 Lembra o meu coração, na aancia em que jaz.

Ó Luzitania que te vaes á vela!
 Adeus! que eu parto (rezarei por ella)
 Na minha Nau *Catharineta*, adeus!

Paquete, meu Paquete, anda ligeiro,
 Sobe depressa á gavea, Marinheiro,
 E grita, França! pelo amor de Deus!

Oceano Atlântico, 1890.

O meu beliche é tal qual o berçinho
Onde dormi horas que não vêm mais.
Dos seus embalos já estou cheiinho :
Minha velha Ama são os vendavaes !

Uivam os Ventos ! Fumo, bebo vinho.
O Vapor trem ! Abraço a *Biblia*, aos ais...
Covarde ! Que dirão (eu adivinho)
Os Portuguezes ? Que dirão teus Paes ?

Corageu ! Considera o que has sofrido,
O que soffres e o que ainda sofrerás,
E vê, depois, se accaso é permittido

Tal medo á Morte, tanto apego ao Mundo :
Ah ! fóra bem melhor, vás onde vás,
Antonio, que o paquete fosse ao fundo !

Golpho de Biscaya, 1891.

Aqui, sobre estas agoas côr de azeite,
 Scismo em meu Lar, na paz que lá havia
 Carlota, á noite, ia ver se eu dormia
 E vinha, de manhã, trazer-me o leite.

Aqui, não tenho um unico deleite !
 Talvez... baixando, em breve, á Agoa fria,
 Sem um beijo, sem uma *Ave-Maria*,
 Sem uma flor, sem o menor enfeite !

Ah podesse eu voltar á minha infancia !
 Lar adorado, em fumos, a distancia,
 Ao pé de minha Irmã, vendo-a bordar :

Minha velha Aia ! conta-me essa historia
 Que principiava, tenho-a na memoria.
 « Era uma vez... »

Ah deixem-me chorar !

Canal da Mancha, 1891.

Vaidade, meu Amor, tudo Vaidade !
Ouve : quando eu, um dia, fôr alguem
Tuas amigas ter-te-ão amizade,
(Se isso é amizade) mais do que, hoje, têm.

Vaidade é o Luxo, a Gloria, a Caridade,
Tudo Vaidade ! E, se pensares bem,
Verás, perdoa-me esta crueldade,
Que é uma vaidade o amor de tua Mâe.

Vaidade ! Um dia, foi-se-me a Fortuna
E eu vi-me só no Mar com minha escuna,
E ninguem me valeu na tempestade !

Hoje, já voltam com seu ar composto,
Mas eu, vê lá ! eu volto-lhes o rosto...
E isto em mim não será uma vaidade ?

Mar do Norte, 1891.

E a Vida foi, e é assim, e não melhora.
 Esforço inutil. Tudo é illuzão.
 Quantos não scismam n'isso mesmo a esta hora
 Com uma taça, ou um punhal na mão !

Mas a Arte, o Lar, um filho, Antouio? Embora !
 Chymeras, sonhos, bolas de sabão.
 E a tortura do *Além* e quem lá mora !
 Isso é, talvez, minha unica afflição.

Toda a dôr pode supportar-se, toda !
 Mesmo a da noiva morta em plena boda,
 Que por mortalha leva... essa que traz.

Mas uma não : é a dôr do pensamento !
 Ai quem me dera entrar n'esse convento
 Que ha além da Morte e que se chama *A Paz* !

Paris, 1891.

ELEGIAS



A Sombra

Não tarda a sombra, ahí. Vae alto o Sete-Estrello
 São horas d'ella vir. Minha alma, attende !
 Que já a Lua, a sentinelha, rende
 Na esplanada do Céu, ás portas do Castello...

Oiço um rumor : talvez... Eil-a, é ella : ao longe, avisto
 Seu vulto em flór : postas as mãos no seio,
 Com o cabello separado ao meio,
 Todo caido para traz, como o de Christo !

Sorri. Que linda vem, Jezus ! Que bem vestida !
 Quantas lembranças d'este peito arranco !
 Foi assim que primeiro a vi, de branco,
 Foi n'esse traje que ella sempre andou, em vida !

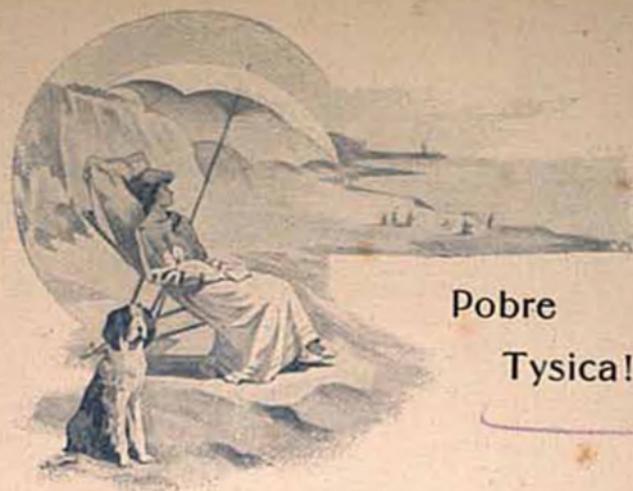
Que luz projecta ! Que explendor ! Parece dia !
 Os gallos cantam, anunciando a aurora...
 Ide deitar-vos que ainda não é a hora,
 Dorme o teu sonno, socegada, ó cotovia !

Mas vós, ó pedras, affastae-vos, que ella passa !
 Silencio, rouxinoes, eu quero ouvil-a...
 Terá ainda a mesma voz trauquilla ?
 Ah ! ainda é o mesmo o seu andar, cheio de Graça...

Mas ao passar por mim, como d'algum perigo,
 Foge. (Talvez, já seja tarde...). Ó Clara !
 Nuvem ! Phantasma ! Ouve-me ! Pára !...
 E oiço a voz d'ella n'um murmúrio :
 « Andá comigo... »

Coimbra, 1888.





Pobre
Tysica!

Quando ella passa á minha porta,
Magra, lívida, quazi morta,
E vae até á beira-mar,
Labios brancos, olhos pizados :
Meu coração dobra a finados,
Meu coração põe-se a chorar.

Perpassa leve como a folha,
E, suspirando, ás vezes, olha
Para as gaivotas, para o Ar :
E, assim, as suas pupilas negras
Parecem duas toutinegras,
Tentando as azas para voar !

Veste um habito cór de leite,
Sainha liza, sem enfeite,
Boina maruja, toda luar :
Por isso, mal na praia alveja,
As mais suspiram com inveja :
« Noiva feliz, que vaes cazar... »

Triste, acompanha-a um *Terra-Nova*
Que, dentro em pouco, á fria cova
A irá de vez acompanhar...
O chão desnuda com cautella,
Que *Boy* conhece o estado d'ella :
Quando ella tosse, põe-se a uivar !

E, assim, sózinha com á ain,
 Ao Sol, se assenta sobre a praia,
 Entre os bêbés, que é o seu logar.
 E o Oceano, tremulo avôzinho,
 Cofiando as barbas côr de linho,
 Vem ter com ella a conversar.

Fallam de sonhos, de anjos, e elle
 Falla d'amor, falla d'aquelle
 Que tanto e tanto a faz penar...
 E o coração parte-se todo,
 Quando a sorrir, com tão bom modo,
 O Mar lhe diz : « Ha-de sarar... »

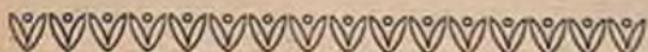
Sarar? Mizerrima esperança !
 Padres ! ungi essa criança,
 Podeis sua alma encommendar :
 Corpinho d'anjo, casto e inerme,
 Vae ser amada pelo Verme,
 Os bichos vão-na desfructar..

Sarar? Da côr dos alvos linhos,
 Parecem fuzos seus dedinhos,
 Seu corpo é roca de fiar...
 E, ao ouvir-lhe a tosse secca e fina,
 Eu julgo ouvir n'uma officina
 Taboas do seu caixão pregar !

Sarar? Magrita como o junco,
 O seu nariz (que é grego e adunco)
 Começa aos poucos de afilar,
 Seus olhos lançam igneas chammas :
 Ó pobre Mãe, que tanto a amas,
 Cautella ! O Outono está a chegar...

Leça, 1889.





S^{ta} Iria

(QUE FLORESCEU EM NABANCIA NO SÉCULO VII)

N'um rio virginal d'agoas claras e mansas,
Pequenino baixel, a Sancta vae boiando.
Pouco e pouco, dilue-se o oiro das suns tranças
E, diluido, vê-se as agoas aloirando.

Circumda-a um resplendor de verdes Esperanças,
Unge-lhe a fronte o luar [os Sanctos-Oleos] brando.
E, com a Graça etherea e meiga das crianças,
Formosa Iria vae boiando, vae boiando...

Os cravos e os jasminis abrem-se, á luz da Lua,
E, ao verem-na passar, phantastica barquinha,
Murmuram entre si : « E' um marmor que fluctua ! »

Ella entra, emfim, no Oceano... E escuta-se, ao luar,
A mña do Pescador, rezando a ladainha
Pelos que andam, Senhor! sobre as agoas do Mar...

Leça, 1885.





Enterro de Ophelia

Morreu. Vae a dormir, vae a sonhar... Deixa-la !
(Fallae baixinho : agora mesmo se ficou...)
Como Padres orando, os choupos formam ala,
Nas margens do ribeiro onde ella se afogou.

Toda de branco vae, n'esse habito de opala,
Para um convento : não o que o Hamlet lhe indicou,
Mas para um outro, olhae ! que tem por nome *Valla*,
D'onde jámais saiu quem, lá, uma vez entrou !

O doce Pôr-do-Sol, que era doido por ella,
Que a perseguia sempre, em palacio e na rua,
Vede-o, coitado ! mal pode sustar a vela...

Como damas de honor, Nymphas seguem-lhe os rastros,
E, assomando no Céu, sua Madrinha, a Lua,
Por ella vae desfiando as suas contas, Astros !

Leça, 1888.





Na Estrada da Beira

Vae em seis mezes que deixei a minha terra
E tu ficaste lá, mettida n'uma serra,
Boa velhinha ! que eras mais uma criança.
Mas, tão longe de ti, n'este Payz de França,
Onde mal viste, então, que eu viesse parar,
Vejo-te, quanta vez ! por esta sala a andar.
Bates. Entreabres de mansinho a minha porta.
Virás tratar de mim, ainda depois de morta?
Vens de tão longe ! E fazes, só, essa jornada !
Ajuda-te o bordão que te empresta uma fada.
Altas horas, enquanto o bom coveiro dorme,
Escapas-te da cova e vens, Bondade enorme !
Atravez do Marão que a Lua-chcia banha,
Atravessas, sorrindo, a mysteriosa Hespanha,
Perguntas ao pastor que anda guardando o gado,
(E as fountes cantam e o Céu é todo estrellado)
Para que banda fica a França, e elle, a apontar,
Diz : « Vá seguindo sempre a minha estrella, no Ar ! -
E ha-de ficar scismando, ao ver-te assim, velhinha,
Que és tu a Virgem disfarçada em pobrezinha.
Mas tu, sorrindo sempre, olhando sempre os Céus,
Deixando atraç de ti, os negros Pyrneus,
Sob os quaes rola a Humanidade, nos Expressos,

Em certo dia ao fim de tantos (conto-os, meço-os !)
 Vindo de villa em villa, e mais de serra em serra,
 Chegas !

E cae e cae no soalho alguma terra :
 Tua cova que vem pegada aos teus vestidos !

Ó Lua do ceguinho ! Amparo dos vencidos !
 Alpendre do Perdão ! ó Piedade ! ó Clemencia !
 Singular fado o nosso, estranha coincidencia :
 Deixamos nossa Patria ao mesmo tempo : tu,
 Adentro d'um caixão, que era tambem bahu.
 Onde levavas as desgraças d'esta Vida;
 Eu, n'um paquete sobre a vaga enraivecida
 (Sob a qual, entretanto, havia a paz das loizas)
 E n'elle o esquife do meu Lar, as minhas coizas,
 E mais tu sabes, Sancta ! um sacco de Mizerias !
 Mas a Existencia é um dia, esta Vida são ferias
 E, mal acabem, te verei de novo... em breve !
 E tu de novo me verás...

Ah ! como deve
 Ser frio esse teu lar de debaixo da terra
 Que teu cadaver de oiro ainda intacto encerra :
 Ainda intacto e sempre : disse-me o coveiro
 Que a tua cova era a unica sem cheiro...
 E assim te deixo, Sancta ! Sancta ! ao abandono,
 Só, aos cuidados das corujas e do Outomno !
 Com este frio, horror ! Senhora da Piedade !
 Sem uma mño amiga e cheia de bondade
 Que te agazalhe e faça a dobra do lençol,
 Que abra a janella para tu veres o Sol,
 Que, logo de manhã, venha trazer-te o leite
 E, á noite, a lamparina-esmalte com azeite !
 Sem uma voz que vá ao pé da tua loiza,
 Ancioza, perguntar se queres alguma coiza,
 Cobrir-te, dar-te as boas-noites... Sem ninguem !
 Ai de ti ! ai de ti ! minha segunda Mãe !

Dobra em meu coração o sino da Saudade.

Aqui, no meio d'esta fria soledade,

Evoco a Coimbra triste, em seu aspecto moiro :
Entro, chapéu na mão, em tua Caza d'Oiro,
Em frente a um cannavial, cheio de rouxinoes,
Que era nervozo de mysterio, ao pór-dos-soes.
Vejo o teu Lar e a ti, tão pura, tão singella,
E vejo-te a sorrir, e vejo-te, á janella.
Quando eu seguia para as aulas, manhã cedo,
Ancioza, olhando d'entre as folhas do arvoredo,
Olhando sempre até eu me sumir, a olhar,
Que ás vezes não me fosse um carro atropelar.
Vejo o meu quarto de dormir, todo caiado,
D'onde ouvia arrulhar as pombas, no telhado;
Oiço o relogio a dar as horas vagamente,
Devagar, devagar, como os aís d'um doente;
Vejo-te á noite, pelas noites de Janeiro,
Na sala a trabalhar, á luz do candieiro.
Mais vejo o Emilio, indo a tactear, quazi sem vista,
Mas que lembrava com seus olhos de ametysta,
Meio cerrados, como ao Sol uma janella,
Que lindos olhos ! uma pomba de *Ramella* !
E andava á solta pela caza, não fugia,
Que aos livres ares o czazulo preferia.
Mais vejo Aquella, cujo olhar são pyrilampus,
Que tem o nome da mais linda flor dos campos,
Que tem o nome que tiveste... Vejo-a, ajuda,
Como se hontem fosse, a Margareth, tão linda !
Vejo-a passar, sorrindo, e faz-me assim lembrar
No seu vestido rubro, uma papoila a andar.
Mais te vejo ainda ungrir d'affagos minhas penas,
Mais te vejo voltar, á tarde, das novenas;
Mais oiço os sinos a dobrar, em *Sancta Clara*,
E tu encommendando a alminha que voara...
Mais vejo os meus Contemporaneos, pela *Estrada*,
As capas destraçando, ao verem-te á saccada;
Mais vejo o Ruy, na sua farda de artilheiro,
E tu mirando-o (o que são mães !) o dia inteiro !
Mais vejo o Sol, aurea cabeça do Senhor,
Mais vejo os crayos, notas de clarim em flor !
Mais vejo no quintal as papoilaes vermelhas,
Mais vejo o lar das andorinhas, sob as telhas,

Mais oiço o tanque a soluçar soluços d'agoa,
 Mais oiço as rãs, coaxando á noite a sua Magoa,
 Mais vejo o figueiral todo cheio de figos,
 Mais vejo a tua mão a dal-os aos mendigos;
 Mais oiço os guizos, ao passar da mala-posta,
 Mais vejo a sala de jantar, a meza-posta,
 E tu, Senhora! prezidindo, á cabeceira.
 E (o que a distancia faz !) vejo-te na cadeira,
 Com uma touca preta a cobrir-te os cabellos,
 Que eram de neve, aos caracoes, estou a vel-os!
 (Hei-de ir cortar-t'os, alta noite, ao cemiterio)
 Mais vejo o Vasco sempre triste, sempre serio,
 D'um lado e eu de outro...

Que abençoad o refeitorio!

Mas tudo passa n'este Mundo tranzitorio.
 E tudo passa e tudo fica! A Vida é assim
 E sel-o-á sempre pelos seculos sem fim!
 Ainda vejo a tua caza, e oiço os teus gritos
 (Mas nas janellas e na porta vejo escriptos.)
 O Vasco é ainda sempre triste, sempre serio
 (Mas mais ainda quando vem do cemiterio.)
 Meu quarto de dormir vejo-o no mesmo estado
 (Mas não sei que é, não me parece tão caiado.)
 A janella ainda tem o mesmo parapeito
 (Mas já não sou - o estudantinho de Direito ..)
 Na sala de jantar ainda se estende a meza
 (Mas já não tem a meza-posta, a sobremesa.)
 Vejo o relogio na parede como outr'ora
 (Mas o ponteiro marca ainda a mesma hora.)
 O candieiro ainda tem o petroleo e a torcida
 (Mas apagou-se a luz a quando a tua vida.)
 A diligencia passa, á tardinha, a tinir,
 (Mas já não tem os olhos teus para a seguir...)
 Passam ainda pela Estrada os estudantes
 (Mas não destraçam suas capas, como d'antes.)
 Vêm da novena ainda as moças e as donzelas
 (Mas procuro-te, em vão, já não te vejo entre ellas.)
 As andorinhas ainda têm o mesmo fito
 (Mas já fizeram trez jornadas ao Egypto.)

Ainda dobra por defuntos e defuntas
(Mas não te vejo a ti a rezar de mãos juntas.)
Ainda lá está o figueiral com figos,
(Mas não a tua mão a dal-os aos mendigos...)
O Ruy ainda traz a farda de soldado
(Mas, agora, já põe mais divizas, ao lado.)
As rãs coaxam ainda á noite, á beira d'agoa,
(Mas, já não têm quem peça a Deus por essa Magoa.)
O Emilio tem ainda esse olhar que maravilha,
(Mas, com seus olhos d'hoje, é uma pombinha da Ilha.)
Ainda lá estão os cravos, no jardim,
(Mas já não são as mesmas notas de clarim.)
Ainda oïço o tanque a soluçar a sua magoa
(Mas já não acho tão branquinha a sua agoa.)
A Margareth ainda é a papoila de outr'ora
(Mas a papoila... já está uma senhora !)
Ainda lá estão as papoila em flor
(Mas a Velhinha já não vae de regador...)
Meu coração é ainda o Valle de Gangrenas
(Mas já não tenho quem lhe plante as açucenas.)
Vive ainda o Sol, vivo eu ainda... (Mas tu morreste !)
Tudo ficou, tudo passou...

Que mundo este !

Paris, 1891.



Ca (ro) Da (ta) Ver (mibus)

Memoria
A. J. d'Oliveira Macedo,
Eduardo Coimbra, Antonio Fogaça

As horas do crepusculo, ao *Bemido*,
Quando a Lua, formoza leiteirinha,
Vae dar o leite ás cazas do Infinito;

As horas das *Trindades*, á noitinha,
Quando ha milagres e sublimes Couzas
E concebe seus filhos a andorinha...

Quando, em convento, as leaes Religiozas,
Tristes, se envolvem n'um burel de magoa
E os cravos noivam com as suas Rozas;

Quando o luar do Céu azula a fragoa,
E o Céu sem fim, a abobada estrellada,
Como que tem os olhos razos de agoa;

N'essa hora indeciza, angustiada,
Em que o Universo está, meio ás escuras,
Que não se sabe se é antes a alvorada :

Eu pude ver, erguendo-se ás alturas,
Aquella benta lagryma de pranto
Que despedem, morrendo, as criaturas.

E ao vir da noite, com nervozo e espanto,
Vi uma estrella a mais no azul do Céu :
É que um poeta, que era justo e sancto,

As horas do crepusculo... morreu !
O simples coração de Julieta
Dentro da alma virgem de Romeu !

Uma criação de Deus, mas incompleta :
Aguia que tinha um coração de pomba,
Cedro que dava folhas de violeta !

Ah, quando vejo alguma flor que tomba
Meu coração não pode e em sua dor,
Escarnece do Bem, de tudo zomba !

Eulalia, que era o seu primeiro amor,
Aos Ventos, aos relampagos, ficou
N'este Valle de Lagrymas, Senhor !

Quem lhe dera a mortalha que levou
Toda coberta do cabello loiro
Da mystica Menina que elle amou !

Vède-a, acolá, chorando o seu Thesouro,
Na janelha que deita para o Mar,
Soltas ao Vento as suas tranças de ouro !

Ó meu amado Sete-Estrello, e, ó Luar,
Vinde pôr velas, vinde d'ahi comnosco,
Ó boas Ursas ! ó Trapezio do Ar !

Ó aves, que trazeis Março comvosco,
São nupcias ! enfeitae o vosso ninho,
Com as hervas do seu tumulo tosco !

Vós, pombas de marfim, aves de linho,
Que ides tão alto, divagando errantes,
Quazi mortas, perdidas no caminho :

Do Vento sobre as velas almirantes
Prendeai a aza e, assim, acompanhæ
O cantador que vos cantava d'antes !

Elle precorre victoriozo, olhae !
 Entre immensas espumas de andorinhas
 O Outro-mundo, e que ligeiro vae !

Dizem-lhe adeus da Terra as criancinhas,
 Co'as tranças a acenar, mandam-lhe abraços
 E beijos com as pálidas mãozinhas.

Mas elle lá vae indo nos Espaços,
 Sendo a sua alma uma subtil galera
 Com leves remos de marfim (tem braços.)

Onde vae elle? a que ditoza esphera
 Velhinha Morte a sua alma guia?...
 Que vida immensa, lá no Céu, o espera

Para ganhar o pão de cada dia
 Cuidará da lavoira, mais das flores,
 Lavrando as terras da Virgem Maria !

Longe dos homens maus, dos peccadores,
 N'uma herdade do Céu, entre charruas,
 A cavar entre simples lavradores.

Senicando Estrellas e plantando Luas...
 E ainda o choram, que feliz desgosto !
 O Vento passa a uivar por essas ruas...

E um oleo que sem chimica é composto,
 Tomba de Cima :'é a Extrema-Uncção da Morte
 Que lhe unge as magras mãos e mais o rosto.

E choraes ! Quem vos dera a sua sorte !
 Porque é que vós carpis, agoas da foute?
 Não chores, calla a bocca, vento Norte !

Callae-vos vós tambem, caunas do Monte,
 Não sei para que estaes com essas fallas,
 Nem tu, ó Mar, com taes rugas na fronte !

Vê lá, fazes favor, vê se te callas :
Basta que chore Eulalia... a Mãe doente
E os seus amigos... aos cantos das sallas...

Formozo, branco, meigo, ainda inocente,
Vaes-te a dormir na tua caza nova
Cem seculos ou mais... provavelmente.

Que funda te fizeram essa cova !
E tão pequeno és, minha criança !
Têm medo que tu fujas... é o que prova.

Dorme o teu somno na ultima esperança
Eterna como os seculos e as flores,
P'ra todo o sempre, minha flôr ! descança...

Ah, nem tigres, nem aguias, nem condores,
Abrem as campas, lugubres cavernas :
O coveiro é o melhor dos constructores !
As suas covas são caças eternas.

Leça, 1885.





Certa Velhinha

I

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
Que triste velhinha que vai a passar !
Não leva candeia; hoje, o Céu não tem luzes...
Cautella, Velhinha, não vás tropeçar !

Os Ventos entoam cantigas funestas,
Relampagos tingem de vermelho o Azul !
Aonde irá ella, n'uma noite d'estas,
Com Vento da *Barra* puxado do Sul ?

Aonde irá ella, pastores ! boieiras !
Aonde irá ella, n'uma noite assim ?
Se fôr um Phantasma, fazei-lhe fogueiras,
Se fôr uma Bruxa, queimae-lhe alecrim !

Contava-me Aquella que a tumba já cerra,
Que Nossa Senhora, quando a chama alguem,
Escolhe estas noites p'ra descer á Terra,
Porque em noites d'estas não anda ninguem...

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
Que linda velhinha que vem a passar !
E que olhos aquelles que parecem luzes !
Quacs velas accezas que a vêm a guiar...

Que pobre capinha que leva de rastros,
 Tão velha, tão róta ! que triste viuez !
 Mas se lhe dá vento, meu Deus ! tantos astros !
 É o Céu estrellado vestido do envez...

Seu alvo cabello, molhado das chuvas,
 Parece uma vinha de luar em flor :
 Oh cabello em cachos, como cachos de uvas !
 Só no Céu ha uvas com aquella cor.

A luz dos seus olhos é uma luz tamanha
 Que ao redor espalha perfeito clarão !
 Parece que chove luar na moutanha...
 Que noite de inverno que parece verão !

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
 Velhinha tão alta que vem a chegar !
 Parece uma Torre côada de luzes !
 Ou antes a *Torre de Marfim*, a andar !

Não ! Não é uma Torre côada de luzes,
 Nem antes a *Torre de Marfim*, a andar,
 Que pelá tapada das *Quatorze Cruzes*,
 N'uma noite d'estas, eu vejo passar.

Tambem não é, ouve, minha velha ama !
 Como tu contavas, a Virgem de Luz :
 Digo-te ao ouvido como ella se chama,
 Mas guarda segredo, que é...

— Jezus ! Jezus !

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
 Já não é a Velhinha que vae a passar :
 Um grande cortejo cheinho de luzes,
 Anninhas da Eira que vae a enterrar.

UM PASTOR FALLA :

« Anninhas da Eira ! Anninhas da Eira !
 Cantae, raparigas, cantae e chorae !
 Morreu, coitadinha ! sorrindo, trigueira,
 Como um passarinho, sem soltar um ai.

« Quando era pequeno, levava-me á escola,
 E quando, mais tarde, cresci e medrei,
 Oh danças nas eiras, ao som da viola !
 Nas danças de roda, que beijos lhe dei !

« Os annos vieram, os annos passaram,
 Meu fado arrastou-me, da aldeia sai :
 Nunca mais meus olhos seus olhos tocaram,
 Perdi-a de todo, nunca mais a vi.

« E além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
 N'uma noite d'estas com vento a ventar,
 Ó meu Deus ! é ella que vae entre luzes !
 Ó meu Deus ! é a Anninhas que vae a enterrar !

« Olá ! bons senhores, vestidos de preto,
 Deixae a defunta, que a levarei eu !
 O suor alaga-vos, eu levo o carreto...
 O caixão de Anninhas é tambem o meu !

« Tenho os relampagos, deixae-me sem velas
 A rezar por ella, sob o temporal !
 Caf-me no peito, cravae-m'as, procellas !
 Cruzes da tapada, em forma de punhal ! »

Mas os bons seniores, de preto vestidos,
 Cigarros accezos, e velas na mão,
 Lá passam ao Vento, com sete sentidos,
 Com medo que, ás vezes, não seja um ladrão...

« Mãos das ventauias ! mãos das ventanias !
 Tirae-lhes a Anninhas e levae-a a Deus !
 Com suas mãozinhas, agora tão frias,
 Irá na viagem a dizer-me adeus... »

« Ó Vento que passas! corcel de rajada!
Assenta-nos ambos no mesmo selim:
Quero ir mais ella na longa jornada...
Quero ir com Anninhas pelo Céu sem fim!

« Ó Leste, que trazes as rolas, ás costas.
Quaes rolas, leva-nos aos pés do Senhor!
Quero ir como ella, assim de mãos postas...
Quero ir com Anninhas para onde ella for!

« Ó Norte dos Marços! ó Sul das procellas,
Levæc-nos quaes brigues, como azas, levæc!
Levæc-nos como aguias, levæc-nos quaes velas...
Quero ir com Anninhas para onde ella vae! »

3

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
Que triste velhinha que vae a passar!
E que olhos aquelles que parecem luzes...
Aonde irá ella? Quem irá buscar?

Paris, 1801.



MALES DE ANTO



Males de Anto

I

A ARES N'UMA ALDEIA

Quando cheguei, aqui, Sancto Deus ! como eu vinha !
Nem mesmo sei dizer que doença era a minha,
Porque eram todas, eu sei lá ! desde o Odio ao Tedio.
Molestias d'Alma para as quaes não ha remedio.
Nada compunha ! Nada, nada. Que tormento !
Dir-se-ia accazo que perdera o meu talento :
No entanto, ás vezes, os meus nervos gastos, velhos,
Convulsionavam-nos relampagos vermelhos,
Que eram, bem o sentia, instantes de Camões !
Sei de cór e salteado as minhas afficções :
Quiz partir, professar n'um convento de Italia,
Ir pelo Mundo, com os pés n'uma sandalia...
Comia terra, embebedava-me com luz !
Extasis, spasmos da Thereza de Jezus !
Contei n'aquelle dia um cento de desgraças.
Andava, á noite, só, bebia a Noite ás taças.
O meu cavaco era o dos Mortos, o das Loizas.
Odiava os Homens ainda mais, odiava as Coizas.

Nojo de tudo, horror ! Trazia sempre luvas
(Na aldeia, sim !) para pegar n'um cacho d'uvas,
Ou n'uma flór. Por cauza d'essas mãos... Perdoae-me,
Aldeão ! eu sei que vós sois puros. Desculpae-me.

Mas, atravez da minha dói, da Tempestade,
Sentia renascer minha antiga bondade
N'esta alma que a perdera. Achava-me melhor.
Aos pobrezinhos enxugava-lhes o suor.
A minha bolsa pequenina, de estudante,
Era p'r'os pobres (E é e sel-o-á d'oravante.)
E ao vir das tardes, ao passar por um atalho,
Eu ia olhando o chão, embora com trabalho,
Pois os meus olhos não podiam de fadigas,
P'ra não pizar os carreirinhos das formigas
Que andam, coitadas ! noite e dia, a carregar.
E com vergonha, p'ra ninguem me ver chorar,
Livido, magro, como um espeto, uma tocha,
Costumava esconder-me em uma certa rocha,
Que, por signal, tinha o feitio d'um gabão,
E punha-me a chorar, a chorar como um leão !
Tinha as vozes do Mar, prégando em seu convento
E a gesticulação dos pinheiraes ao Vento !
Ó Dór ! ó Dór ! ó Dór ! Calla, ó Job, os teus ais,
Que os tem maiores este filho de seus Paes !
Ó Christo ! calla os ais na tua ignea garganta,
Ó Christo ! que outra dói mais alta se alevanta !

Meu pobre coração toda a noite gemia
Como n'um Hospital...

Entrae na enfermaria !
Vêde ! Kistos da Dór ! Furo-os com uma lança :
Que nojo, olhae ! são as gangrenas da Esperança !
Lanceto mais : que lindas córes ! um Oceano !
Ó mornos vagalhões do Coração humano,
Amarellos, azues, negros, cór de Sol-posto !
Ó preamar de puz ! maré-viva d'Agosto !
Oceano ! ó vagalhões ! qual é a vossa Lua ?
A que horas é a baixamar, quem vos escua ?
Lanceto mais ainda : as Illuzões sombrias !

Cancros do Tedio a suppurar Melancholias !
 Gangrenas verdes, outomnaes, cór de folhagem !
 O puz do Odio a escorrer n'esta alma sem lavagem !
 Tristezas cór de chumbo ! Spleen ! Perdidos sonmos !
 Prantos, soluços, ais (o Mar pelos outomnos)
 A febre do Oiro ! O Amor calcado aos pés ! Genio ! Ancia !
 Medievalite ! O Sonho ! As saudades da Infancia !

Quantos males, Senhor ! Que Hospital ! Quantas doenças !

Philosophias vãs ! Perda das minhas crenças !
 Neurastenia ! OSusto ! Incoherencias ! Desmaios !
 Sède de imensa luz como a dos pára-raios !
 Enthusiasmos ! Lezão-cardiaca da Raiva !
 Magoas sem fim, prantos sem fim ! Chuva, saraiva
 De Insultos ! Afflicções e Desesperos ! Gotta
 De Coleras ! Horror...

Deixei fugir a escota,
 Perdi-me no alto mar, quando ia na galera
 Á India da Illuzão, ao Brazil da Chymera !
 Ó Bancos do Remorso ! ó rainhas Machebètts
 Da Ambição ! ó Reis Lears da Loucura ! ó Hamlets
 Da minha Vingança ! ó Ophelias do Perdão...
 (Socega ! Faze por dormir, meu coração !
 Vae alta a noite...) E o sangue arde-me n'estas veias !
 Febre a cem graus ! Delirio : o Céu de Luas-Cheias
 Desde o Oriente ao Sol-pôr, de Norte a Sul coberto :
 O mundo jovial de guarda-sol aberto !
 Mar de esmeralda fluida, praias de oiro em pó !
 Ó esquadras das quaes era almirante eu só !
 Ó clarins a soar entre balas, na guerra !
 E vencer pela Patria ! E ser Conde da Terra
 E do Mar ! El-Rey ! Ser Senhor-feudal do Mundo !
 Encher a trasbordar a Vida, mar sem fundo,
 Com palacios, Amor, glorias, Luxo, batalhas.
 E reis e generaes envoltos nas mortalhas !...
 P'ra contar tanta coiza a encher tantos abyssmos,
 Homens ! criei outro sistema de algarismos !

Meu Deus ! Que pezadello ! Ah tanta febre assusta...
 Struggle-for-life ! Ó velho Darwin, tanto custa !
 Antes não ter nascido. Ó Morte, vem buscar-me...
 Um lenço branco Adeus ! nos longes, a acenar-me :
 Adeus, meu lar ! adeus, minha taça de leite !
 E foi o dia 13... E os corcundas e o azeite
 Que eu entornei, Pretas que eu vi, uivos de cães !...
 Choras? Porquê, por quein, Anto? Pelos Alguens.
 Chorar é bom. Ainda te resta esse prazer.
 Lagrymas : suor da alma ! Cançado? Vaes morrer,



Vaes dormir... Ainda não ! mais febre, suores frios,
 Tremuras, convulsões, nevroses, arrepios !
 Unhas de leão, raspando cal n'uma parede !
 Corpos divinos, nus, ao léu ! Luxurias, sede
 De amor mystico ! Amar freiras de habitu branco,
 Morrer com ellas despenhado n'um barranco,
 Sob relampagos !...

Jezus ! Jezus ! Jezus !

Ah quanto foi bem peor que a tua a minha cruz !
 Quanto soffri, meu Deus ! Ah quanto eu soffro ainda !
 E isto n'um mez de paz, n'esta epoca tão linda,
 Solsticio de verão, quando nos sabe a Vida,
 Quando apparece o cravo, a minha flôr querida,

Quando os Soes-postos são uma delicia, quando
 Os aldeões andam a podar, cantarolando,
 E, alli, ao pé dos milheiraes, as lindas netas
 Ceifam curvadas, como na haste as violetas !
 Medico? Para que... A doença era d'Alma.

Saia, apenas, á tardinha, pela calma,
 Sorvendo aos haustos a rezina dos pinheiros.
 Tomava quasi sempre a estrada dos *Malheiros*.
 A nossa caza é ao virar mesmo da estrada,
 Onde perpassam os aldeões na caminhada
 E a mala-posta a rir, cheia de campainhas !
 Ora havia, lá (e ha ainda) umas *Alminhas*
 Com um painel antigo sob um oratorio,
 Que são as almas a penar no Purgatorio.
 E têm esta legenda : « Ó vós que ides passando
 Não esqueçais a nós n'este lume penando ! »
 Deitava-lhes 10 réis, mas ficava a scismar
 Que mais penava eu... se elles quizessem trocar.
 E mais adiante (ainda me lembro : n'um atalho,
 Ao pé da fonte) havia um monte de cascalho
 Com uma Cruz de pau, braços ao Sul e ao Norte,
 Para mostrar que, alli, se fizera uma morte :
 Ora (é um costume) quando alguém vae de longada,
 Ao ver aquella Cruz, que parece uma espada,
 Deita uma pedra : cada pedra é uma oração.
 Oh raras orações ! nunca se callam, não !
 Perpetuamente, lá ficam os *Padre-Nossos*,
 Rezas de pedra, a orar, a orar por esses ossos !...
 Eu, como os mais, deitava uma pedra, tambem,
 Dizendo para mim : « se me matasse alguém... »
 Mas eu seguia o meu passeio, estrada fóra,
 E ninguem me matava...

Ah ! vinham a essa hora
 As moças da lavoira a cantar, a cantar,
 (Faziam-me, Senhor ! vontade de chorar...)
 Mas quando, perto já, eu me ia approxinando,
 Paravam de cantar e ficavam-me olhando...
 E, que eu não fosse ouvir, murmuravam, baixinho,
 Com dó, a olhar : « Como elle vae acabadinho ! »

Mais adiante, encontrava a mulher do moleiro,
 Que ia o cantaro encher á *Fonte do Salgueiro*,
 Lindos cabellos empoeirados de farinha :
 Era uma flor, mas parecia uma velhinha...
 — Vae melhorzinho? — Assim... vou indo, vou melhor...
 — Pois seja pelas Cinco Chagas do Senhor...

E um pouco mais além, no logar do *Cazal*,
 N'uma caza de colmo, assentado ao portal,
 Estava um cego, e a fiar ao lado estava a mãe,
 E mal sentia, ao longe as passadas de alguem,
 Clamava em sua voz vibrante de ceguinho :
 « Meu nobre Senhor ! olhe este desgraçadinho ! »
 Ai de mim ! ai de mim ! como não vê quem passa,
 É que chama a attenção para a sua desgraça !

E, para bem coroar o meu tragicó fado,
 Dizia-me, ao passar, o Dr. Delegado :
 « Vá para caza, fuja aos orvalhos da Noute. »
 E, grave, para si :
 « A Scienza abandonou-te ! »

Horror ! horror ! horror ! Que mizeravel sorte !
 Em tudo via a *Velha*, em tudo via a Morte :
 Um berço que dormia era um caixão p'r'a cova !
 Via a Foice no Céu, quando era Lua-Nova...
 Se ia á tapada ver ceifar as raparigas,
 Via-a entre elles a cortar tambem espigas !
 E ao ver as terras estrumadas, como lume,
 Quedava-me a scismar no meu destino... estrume !
 A pomba que passava era a minha alma a voar...
 E era a minha agonia um pinhal a ullular !
 E, ao ver meadas de linho a corarem, ao Sol,
 Pensava... se estaria, alli, o meu lençol...
 E o que eu scismava ao ver passaros carpinteiros,
 Cantando alegres e fumando, galhofeiros,
 A tiracollo a serra, o martello e o formão...
 Vinham, quem sabe ! de acabar o meu caixão !
 Deitava-me no chão de ventre para o Ar,
 Scismava : se morrer, é assim que hei-de ficar...

Como metinha em pé, não sei. Siquer um musculo !
 À hora christã, entre as nevroses do Crepusculo,
 Entre os susurros da tardinha, ao Sol-poente,
 Quando cantam na sombra as fontes, vagamente,
 Quando na estrada vão as mulinhas, a trote,
 Que o alvo moleiro faz marchar sem o chicote,
 O Natureza ! tão amigos são os dois !...
 E se ouvem expirar os chocalhos dos bois,
 Ao longe, ao longe, entre as carvalhas do caminho...
 Quando na ermida dão *Trindades*, de mansinho,
 E os cravos dão á luz o fructo do seu ventre...
 Quando se vê os Céus doidos, mysticos, entre
 Soluços e ais a desmaiar, como n'um flato :
 Alli, na encosta aonde bebem n'um regato
 Os Animaes, tainbem bebia. Ora, uma vez
 (Sim, faz agora, pelo São Martinho, um mez)
 Quando para beber me debrucei na pia,
 No fundo d'agoa, vi uma photographia...
 Jezus ! Um velho ! O seu cabello, assim ao lado
 O mesmo era que o meu, todo encaracolado !
 O rosto eburneo ! o olhar era tal qual o meu !
 E o labio... Horror ! Fugi ! esse velhinho era eu !

Fugi !

E, desde então, não mais saí de caza.
 Ha muito, que não vejo uma flór, uma aza,
 Ha muito já, que não sorvi o mel d'um beijo :
 Do meu cortiço voou a abelha do Desejo.
 As duas filhas do cazeiro, ao vir da escola,
 D'antes vinham-me ver, eu dava-lhes esmola.
 Cantavam, riam e saltavam, um demonio !
 E tão lindas, Jezus ! tão amigas do Antonio...
 E, agora, mal me vêm, tremem todas, coitadas !
 Eu chamo-as da janella e fogem, assustadas !
 E, ao vel-as na fugida, eu quazi que desmaio...
 Jezus, tão lindas ! são duas Tárdes de Maio !
 Um doente faz medo. Por isso fogem d'elle.
 Estou, aqui, estou ido. Só tenho pelle.

Nada me salva, nada ! É impossivel salvar-me.
 E o que eu tenho a fazer é, apenas, rezignar-me
 E já me rezignei... Mas Carlota, esse amor,
 Quiz por força chamar o bom Sr. Douctor.
 E eu consenti, emfin. E lá mandou o criado
 Buscar o cirurgião. Elle é o mais afamado
 N'estas trez legas, o Dr. da *Preza Velha*.
 Ei-lo que chega...

— Olá !... (Vê-me a lingoa vermelha,
 Toma-me o pulso...) — Está bom, isso não é nada,
 Beba-lhe bem, vá aos domingos á toirada,
 E, sobretudo, veja lá... nada de versos...
 Mas o douctor mais eu, nós somos tão diversos !
 Certo, elle é sabio, mas não tem pratica alguma
 D'estas molestias e o que eu tenho é, apenas, uma
 Tysica d'Alma. Emfin...

A Carlota ! A Carlota !
 Boa velhinha como ella é meiga e devota !
 Já estaria bem, se me valesssem rezas.
 E, no Oratorio, tem duas velas accezas
 Noite e dia, a clamar á Senhora das Dores !
 E queima-lhe alecrim, põe-lhe jarras com flores
 E sei, até, que prometteu uma novena,
 Se eu escapar... Como tudo isso me faz pena !
 E trata-me tão bem, tão bem ! como se eu fosse
 Seu filho. Dá-me, olhae, pratinhos, de arroz doce
 Com as iniciaes do meu nome em canella,
 E traz-me o caldo, como exijo, na tigella
 Por onde come o seu. E dá-me o vinho fino,
 Onde me molha o pão de ló « p'r'o seu menino »
 Que é assim que eu gosto, pelo Calix do Seuhor,
 Que pertenceu, outr'ora, ao meu Tio Reitor.
 Carlota é um beijo. Faz-me todas as vontades.
 Quando me sinto peor, ao bater das *Trindades*,
 E me appetece comer terra, algumas vezes
 (Assim, são nossas Mâes, perto dos Nove Mezes)
 Sae a buscar uma mão cheia. Vem molhada :
 Foi ella que chorou... mas diz que « é da orvalhada... »
 E quando, emfin, sombrio, agoniado, farto,
 Me vou deitar, a sancta acompanha-me ao quarto :

Ajuda-me a despir e mette-me na cama.
 E com um mimo que só sabe ter uma ama
 Cobre-me bem, « durma, não scisme, » dá-me um beijo,
 E sae. Finge que sae, cuida ella que eu não vejo,
 Mas fica á porta, á escuta, a ouvir-me fallar só,
 E não se vae deitar...

Onde ha, assim, uma Avó?

A todo o instante, se ouve á porta : « Tlim, tlim, tlim ! »
 Trez legoas em redor manda saber de mim :
 (Aqui, lhes deixo minha eterna gratidão.)
 Toca o sino e lá vae a Carlota ao portão,
 Muito baixinha, atarefada; espreita á grade.
 — Quem é?... E, então, olha!

• É o Sr. Abbade

• Que manda esta perdiz, mortinha de manhã; •
 Mais o Sr. D. Sebastião de Villa-Meã
 — O bom Senhor ! p'ra que se está a incomodar !
 • Que manda este salmão do Tamega, a saltar; •
 Mais o Sr. Douctor de Linhares • que manda
 Os cravos mais lindos que tinha na varanda; •
 Mais • o da Igreja que oferece a codorniz
 Que matou, hoje, na Tapada de Dom Luiz; •
 Mais o Sr. Miguel das Alminhas de Pulpa
 • Que manda este peru e que pede desculpa; •
 Mais • as fidalgas de Raimonda e de Thuias :
 Mandam os livros e cá vêm, um d'estes dias...
 E, até o Astronomo, coitado ! e o Zé dos Lodos
 Mandam coizas : sei lá .. o que podem. E todos
 Mandam tambem saber • como vae o Menino... •
 E, então, Carlota, bom Deus ! é tal qual o sino
 Na noite a badalar as suas badaladas !
 Põe-se a contar, carpindo, a minha doença ás criadas.
 Tudo o que eu digo, quanto faço, quanto quero :
 — Olhe, Senhora Julia, ás vezes, desespero...
 Mas, eu quero-lhe tanto ! ajudei-o a criar...
 Em pequenino era tão bom de aturar...
 E depois era tão alegre, tão esperto !
 E então que lindo ! era mesmo um cravo aberto !



Mas, hoje, é aquillo : tem os olhinhos sumidos,
 Tão faltinho de côr, os cabellos compridos,
 E tosse tanta vez ! já arqueia das costas...
 Só falta vel-o deitadinho, de mãos postas !
 E elle é tão bom, tem tão bons modos...

— Coitadinho !

— Olhe, Senhora Julia, nunca viu o linho
 Que a gente deita ao Sol, quando é para seccar,
 E que se põe assim a esticar, a esticar?
 Assim é o meu Menino...

— O Senhora Carlota

E se eu fallasse á Anna Coruja, essa que bota
 As cartas? Foi talvez malzinho que lhe deu...
 — Nunca foi assim : foi depois que se metteu
 A fumar, a beber e lá com as po'zias.
 Aquillo para mim foram as companhias.
 Vinha p'ra caza, á meia-noite, noite morta,
 E eu fazia serão para lhe abrir a porta.
 E nunca ia á licção, ficava sempre mal
 Nos seus exames, escrevia no jornal ;
 E o Pac (que é um sancto, como ha poucos) que não via
 Nem vê mais nada, então nunca o reprehendia
 Com medo de o affigir... mas depois, quando estava
 Mettido á noite, só, no seu quarto... scismava.
 — O Povo diz por hi que foi paixão que trouxe
 Lá dos estudos, de Coimbra...

— Antes fosse,

Porque o remedio estava, alli, na Igreja... Adei...
 — Mas se a menina não quizesse... eu sei, eu sei...
 — Senhora Julia ! Não havia de querer !
 Não que elle é mesmo alguem hi para se perder,
 Para deitar á rua : um senhor tão prendado !
 Depois, está aqui, está quazi formado...

Ai valha-me, Jezus ! eu perco a ideia, faço
 A minha perdição... Ás vezes, ergue o braço
 E vae por hi fóra, por todas essas salas,
 A prégar, a prégar, e tem mesmo umas fallas
 Que não enxergo bem, mas que fazem tremer :
 Hontem, á noite, quando se ia a recolher,

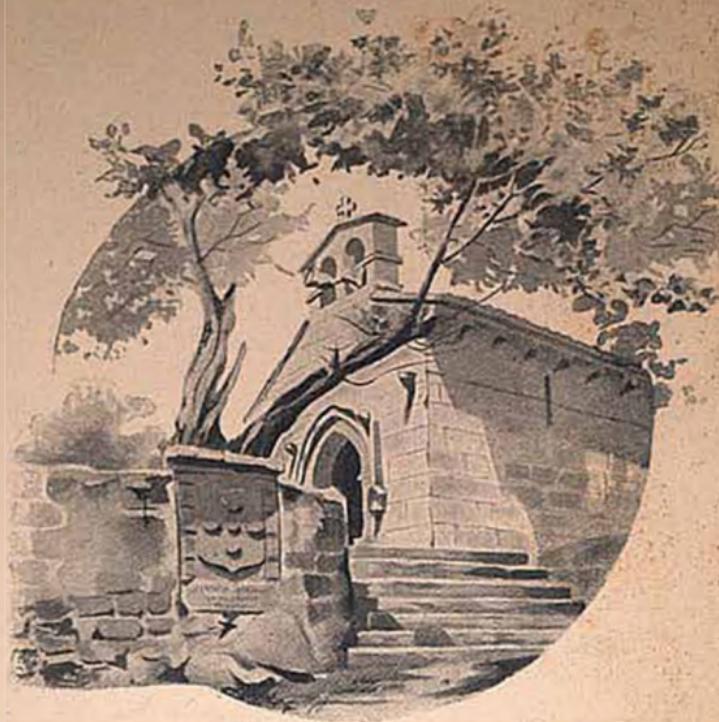
(Quando faz lindo luar, quer deitar-se sem vela)
 Entrou na alcova, eu tinha ainda aberta a janella,
 E diz-me, assim, tão mau : « p'ra que veio entornar
 Agoa no quarto? » e vaca-se a vêr... era o luar!
 E quando foi para chamar o cirurgião?
 Jezus! quanto custou! Que não, que não, que não!
 Não tinha fé nenhuma em um doucher humano :
 Que só a tinha no Sr. Dr. Oceano.

Mas uma coiza que lhe faz ainda peor,
 Que o faz saltar e lhe enche a testa de suor,
 É um grande livro que elle traz sempre comsigo,
 E nunca o larga : diz que é o seu melhor amigo,
 E lê, lê, chama-me : « Carlota, anda ouvir! »
 Mas... nada oiço. Diz que é o Sr. Shakespeare.

E, ás vezes, bota versos, diz coizas tão más!
 Nada lhe digo, mas aquillo não se faz.
 Ainda, esta manhã : eu estava a pór flores
 E as velas accendia á Senhora das Dores,
 (Que tem dó d'elle, coitadinha! chora tanto...)
 Vae o Menino a olhar, a olhar, saca-me d'um canto
 E uiva-lhe, assim :

« Antes as tuas Sete Espadas! »

E o que á Senhora Julia diz, diz ás mais criadas.



2

MEZES DEPOIS, N'UM CEMITERIO

ANTO

Olá, bom velho ! é aqui o *Hotel da Cova*,
Tens algum quarto ainda para alugar?
Simples que seja, basta-me uma alcova...
(Como eu estou molhado ! é do luar...)

O POVO

O luar averte as orvalhadas sobre a rua
Jezus ! que lindo...

Vamos ! depressa ! Vem, faze-me a cama,
Que eu tenho sonno, quero-me deitar !

Ó velha Morte, minha outra ama!
Para eu dormir, vem dar-me de mamar...

A S^r JULIA
São as Janeiras da Lua!

O COVEIRO

Os quartos, meu Senhor, estão tomados,
Mas se quizer na valla (que é de graça...)
Dormiemi, alli, sómente os desgraçados :
Têm bem dormir... bom sitio... ninguem passa...

O ZÉ DOS LODOS
A Lua é a nossa vaca, ó Maria
Mugindo...

Ainda lá, hontem, hospedei um moço
E não se queixa... E ha-de poupal-o a traça,
Porque esses hospedes só trazem osso,
E a carne em si, valha a verdade, é escassa.

O DR. DELEGADO
A Noite parece dia!

ANTO

Escassa, sim ! mas tenho ossada ainda,
Em quanto que a Alma, ai de mim ! nada tem...
Guia-me ao quarto... (a Lua vai tão linda !)
Dize-me : quantos annos me dás? Cem?

O SR. ABBADE
E esta? Em vez de trazer a opa, que é de logar
Trouxe a d'anjinho !

A MULHER DO MOLEIRO
É o luar, Sr. Abbade, é o luar !

Oh cem ! E os que eu não mostro e o peito guardo...
Os teus mortinhos, sim ! dormem tão bem :
"Dormi, dormi ! que vossa mãe não tarda,
Foi lavar á Fontinha de Belém..."

O ASTRONOMO
Isto lun-ar assim ! Isto é o verdo
De São Martinho !

O COVEIRO

Aqui. Fica melhor do que em 1.^a :
 Colxão assim não acha em parte alguma !
 Os outros são de chumbo, de madeira,
 Mas este, veja bem, é sumauma...

O CEGO DO CAZAL
 Faz solzinho, que horas são?

Cantando :

« Colxão de raizes e de folhas, lizo,
 Lençoes de terra brandos como espuma,
 Dal-os-ei ao rol, no Dia de Juizo... »
 Prompto. Quer mais alguma coiza? Fuma?

CARLOTA

O' luar, anda mais devagarinho !
 Deixa dormir o meu Menino...
 Coitadinho !

ANTO

Mais nada. Boas-noites. Fecha a porta.
 (Que linda noite ! Os cravos vão a abrir...
 Faz tanto frio !) Apaga a luz ! (Que importa ?
 A roupa chega para me cobrir...)

A MÃE DE ANTO

Aqui, espero-te, ha que tempo enorme !
 Tens o logar quentinho...

Toma lá para ti, guarda. E ouve : na hora
 Final, quando a Trombeta além se ouvir,
 Tu não me venhas acordar, embora
 Chamem... Ah deixa-me dormir, dormir !

DEUS

Dorme, dorme.

Patis, 1891.

FLM



TABOA

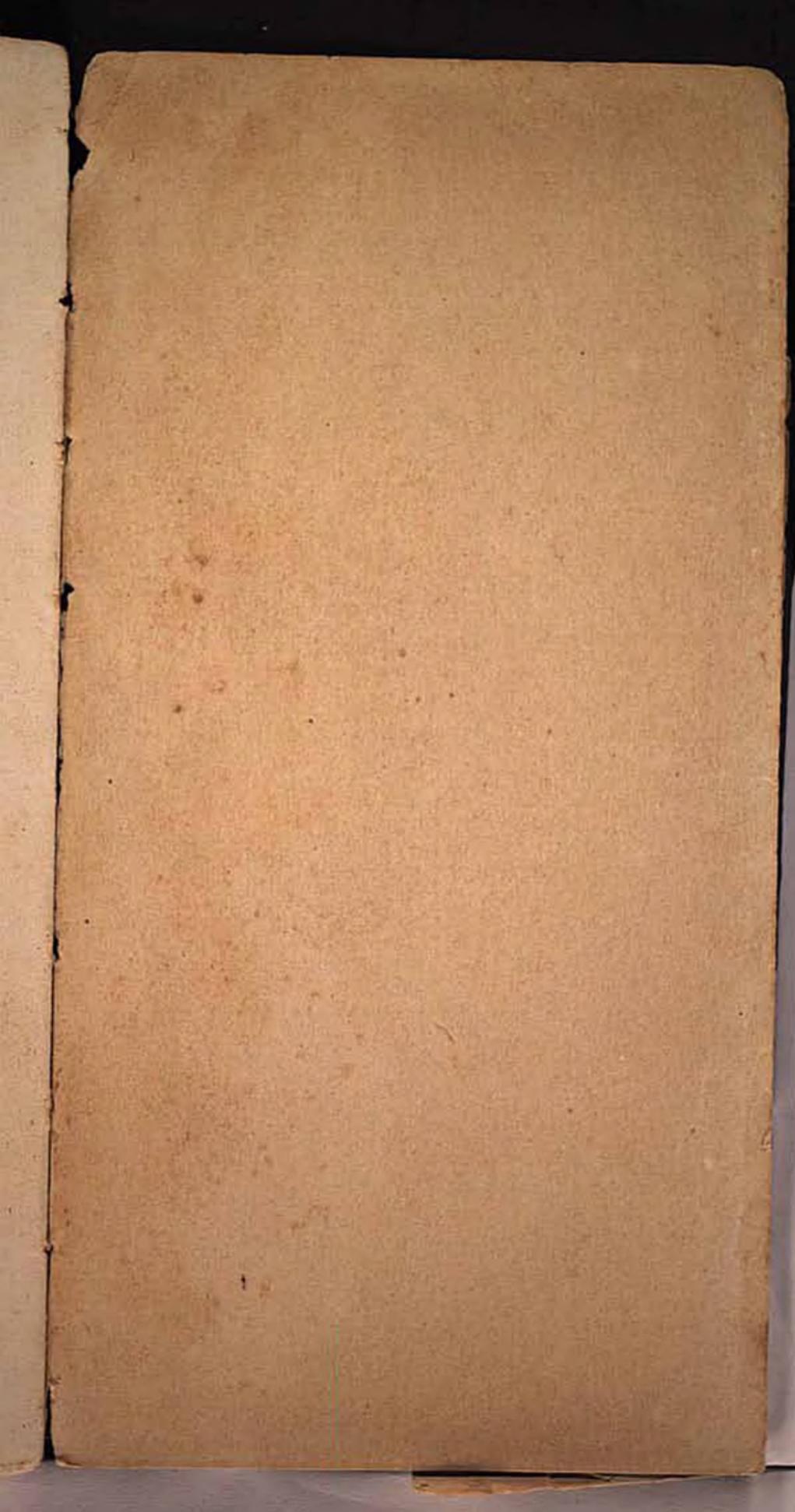
ANTONIO	11
LUZITANIA NO BAIRRO-LATINO.	23
ENTRE DOURO-E-MINHO.	37
LUA CHEIA.	73
LUA QUARTO-MINGUANTE.	95
SONETOS.	115
ELEGIAS.	135
MALES DE ANTO.	157

ꝝ

*Foi feita
a impressão d'este livro*

Na typographia
de
AILLAUD, ALVES & Cia
EDITORES
EM PARIS

ꝝ



EXTRACTO DO CATALOGO
DE
AILLAUD, ALVES & C.^{ia}
PARIS - LISBOA

ALLIVIO DE TRISTES, poesias por ANTONIO CORRÉA D'OLIVEIRA. — 1 lindo vol. de 76 pags., em formato oblongo (180×115 ^{m/m}), br. 200 rs

AMORES PERFEITOS, versos, por ALVAIO PINHEIRO. — 1 vol. em 12.^o, br. 500 rs

ANTI-CHRISTO, por GOMES LEAL, bello vol em 8.^o, oblongo impresso a duas cores br. 4\$200 r
Enc. 18500 r

AUTO DO FIM DO DIA, por ANTONIO CORRÉA D'OLIVEIRA, lindo vol. em formato oblongo (140×80 ^{m/m}), br. 200 rs

DIZERES DO POVO, por ANTONIO D'OLIVEIRA, lindo volume, formato (120×80 ^{m/m}), br.

DOS ALPES (Flocos e Rimas), por J. M. CABOSO DE OLIVEIRA. — 1 lindo vol. em formato oblongo, br. (140×75 ^{m/m}). 200 rs

EIRADAS, versos, por ANTONIO CORRÉA D'OLIVEIRA. — 1 vol. em 8.^o, br. 300

EPREMERAS, poesias por ADHERBAL CARVALHO. — 1 vol. de 22 pags., em 32 oblong br. (140×75 ^{m/m}). 200

FEIXE DE VIOLETAS. Contos por ALMEIDA BESSA. — 1 vol. em 18.^o, illust. e tirado duas cores (150×110 ^{m/m}). 200

OS LUZIADAS DE LUIZ DE CAMÕES. Edição ilustrada com vinte heliogravuras em papel separadas por ALFRED BRAMTOT, artista premiado com o primeiro premio de Roma. No vinhetas de remate e quarenta desenhos especiais a cada canto por PAULIN BORD. — Edição em papel velino (320×250 ^{m/m}). 30\$000 r
Edição em papel Hollanda. 60\$000 r
(320×250 ^{m/m})

Edição em papel Japão 80\$000 r
(320×250 ^{m/m})